

# ○ PEREGRINO

1871

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

1.ª Serie

## Preambulo

Eil-o a correr o mundo da publicidade:  
A tarefa é ardua e o trilho difficil.

Nas longas peregrinações a Meca, através as extensas planicies do Sahará, as caravanas de peregrinos vêem-se, por mais de uma vez, atacadas por um inimigo terrivel: a tempestade d'areia.

A tempestade traz consigo um vento abrasador, o *simoum*, o qual quebranta as forças do peregrino e tolda o ar com uma poeira finissima.

Ruge o *simoum*, a acia sibilla, e a caravana, de costas voltadas ao vento, abi, espera que a tormenta cesse.

Como Gwinplaine, essa criança perdida, de pés nús e os farrapos endurecidos pela neve cortante, atravessando por uma noite tempestuosa os flocos de gelo que cobriam o isthmo de Portland, tendo por unica esperanza a providencia possivel de encontrar uma cabana; assim o peregrino aneia por um oasis.

Gwinplaine arrostou com o gelo e o frio; o peregrino do deserto arrosta com o calor e o vento.

Gwinplaine achou a carroça d'Ursus; o peregrino pode achar a sepultura.

Se a tempestade cessa; o peregrino amolecido e quebrantado pelo *simoum*, com as vestes carregadas d'areia, caminha cabisbaixo e com passo vacillante, quasi morto de sêde e fadiga.

Subito, destaca-se a seus olhos um lago crystallino cercado de verdejante vegetação, onde elle espera mitigar a sêde que o devora, e onde julga encontrar a sombra e o abrigo aos raios do sol ardente.

Scintilla, então, em seu olhar aquella alegria selvagem, semelhante á da criança que avista um ninho de rollas.

Redobra o passo, anda leguas e leguas, através d'um mar d'areia, e o lago sempre

a fugir-lhe e a vegetação a desaparecer-lhe...

É a miragem.

Terrivel phenomeno da visão, que por mais de uma vez, deu forças aos soldados de Napoleão I, quando tentando a campanha do Egypto, atravessavam o Sahará, desanimados e atormentados por tres inimigos terriveis, a fome, a sêde e o cansasso, avistando ora um lago, ora um verdejante oasis.

O peregrino teme mais a miragem, que a tempestade d'areia. Esta pode num momento sepultal-o, terminando-lhe a fadiga; aquella illude-o até ao momento em que, julgando-se apenas a alguns passos do lago vivificante, as forças lhe faltam e cae extenuado.

Morre com a illusão amarga e atormentadora de que ainda poderia viver.

Morre, vendo a dois passos de si a vida.... e julga morrer duas vezes!

No mundo litterario podem tambem haver tempestades d'areia, miragens e verdejantes oasis.

As tempestades e miragens afastal-as-ha o *Peregrino* com a força e vigor dos escriptos de seus illustres collabradores.

E o oasis?!...

G. REDONDO.

## Adens

(No album de um quintanista)

Adeus! que a vida te seja  
Gozo sem dôr;  
Nunca o teu lar a desgraça  
Possa transpôr!

És moço e livre, o futuro  
Desponta e ri;  
Mas o melhor da existencia  
Fica-te aqui!

10  
5  
21  
12

O hymno da juventude  
 Quem o escudou?  
 Sons que jámais se repetem  
 Se ella findou!

Foi da *Saudade o penedo*  
 Quem t'o ouviu;  
 Que ao Mondego, em doces carmes  
 O repetiu;

Foi da *Lapa dos esteios*  
 Que o aprendeu;  
 E as auras foram contal-o  
 Depois ao céo!

*Passado, sempre presente*  
 O teu será,  
 Que a melhor quadra da vida  
 Fica-te cá!

Mas que ao menos a saudade  
 D'este viver,  
 Uma para mim, em seu seio,  
 Faça nascer.

Coimbra.

D. AMELIA JANNY.

### O orfão

Ao meu amigo J. C. Vianna Basto

«Senhor, porque o soffrer, porque este monstro, a fome?»

E. A. VIDAL.

Lá vae o orfãosinho pela serra!...  
 Ai, pobre e desgraçado, como erra  
 no mundo sem ter pão!  
 Nem uma porta que lhe dê abrigo,  
 nem uma voz que diga:—vem comigo,  
 porque eu sou teu irmão!—

As lagrimas, em jorros, vem dos olhos  
 tingir-se-lhe com o sangue, que os abrolhos  
 brotar fazem dos pés;  
 e o pobre, sempre errante, mal descansa  
 por sobre tosca pedra, e é criança ..  
 meu Deus, oh! Tu não vês?!

O pobre não inveja o regio manto,  
 do rouxinol inveja o doce canto  
 no ninho de seus paes;  
 emquanto que elle, triste, anda na vida,  
 qual no mar anda a vaga despedida:  
 não tem quem lhe oiça os ais!...

Sorrindo, quantas vezes fita o céo  
 e parece que lê no brilho seu  
 o fim de atro penar,  
 como apóz longa viagem, é conforto  
 ao nauta ver surgir o ameno porto  
 onde ha de repousar!...

E Tu que envias da mansão celeste  
 a luz, o brilho, com que a aurora veste  
 dos prados o matiz:  
 podias ao Teu nuto sacrosanto  
 das faces enxugar-lhe o amargo pranto,  
 dizer-lhe: «sê feliz!»

1869

SILVA RAMOS.

### Horas de agonia

(EXCERPTOS)

*Versa est in luctum cithara  
 mea, et organum in vocem  
 flentium.*

JOB. xxx, 31.

#### I

No livro do Eterno estava escripto, que a  
 minha vida seria um Gethsemani.

Hei de por isso renegar-te, ó Providen-  
 cia?! E duvidar de Ti, ó Christo?!

Não! Porque a razão humana não pôde  
 afferir a justiça de Deus pela justiça dos ho-  
 mens; porque os homens não podem transpôr  
 o ambito da natureza creada para ascender  
 ao Increado, nem partir de essencia relativa  
 até absorver a Essencia absoluta; porque o  
 vicio, o erro, a mentira são a antithese da  
 Verdade Summa!

Porque infinito absoluto é sómente Deus;  
 e só Elle Se pôde definir.

Porque o finito é dos homens; e por isso  
 não põem limites ao espaço e ao tempo, como  
 não podem fechar a luz, que é incoercível.

O que eu sinto dentro do peito, será um  
 fasciculo de luz d'esse immenso fóco—Deus  
 —d'onde partem, como d'um centro, todos os  
 raios luminosos da Verdade, do Bello e do  
 Bom?!...

Deus! Se creaste o homem á tua imagem  
 e similhaça; para que lhe déste a dôr?

Se o meu seio é limitado, para que encer-  
 raste nelle um oceano de lagrimas?!

Se déste ao espirito a razão; á consciencia  
 a fê; ao coração o amor, porque não déste ao  
 pensamento, ao sentimento, á creença a forma  
 precisa para o homem enunciar a ideia, tor-  
 nal-a tangível, para que finalmente nós po-  
 dessemos revelar tudo, o que sentimos, pen-  
 samos e queremos?!

Ha tantos annos... ha tantos seculos, que  
 o homem lucha consigo mesmo; interroga,  
 como Sphinx, d'onde veio, o que é e para onde  
 vae; lida sempre... sempre até matar o corpo  
 e atrophiar o intellecto, e responde lhe o raio  
 que desce das nuvens, a procella que destroe  
 e alaga as campinas, o mar que rugo, como  
 leão indomavel!

Se a terra, se o céu, se enfim a natureza é o livro, em cujas paginas está escripta em caracteres indeleveis a palavra — Deus — ; porque ordenas, Senhor, aos elementos, que se revoltem, dando exemplo de guerra aos homens?!

Oh Christo! Tu vieste ao mundo annunciar a bôa nova da fraternidade universal; congregaste os homens num amplexo, obliterando a palavra *escravidão* dos codigos da antiguidade; redimiste a mulher; salvaste o homem, aplanando-lhe as veredas do existir.

Inscreveste no frontespicio do teu Evangelho o amor; e mandaste que os teus apóstolos e os teus martyres — legionarios da tua fé e doutrina — conservassem intacto este lemma no labaro do Christianismo; para que consentes pois o despotismo, sentado em solio de ouro; e os lasaros esmollando as migalhas dos opulentos; as magdalenas cuspidas e insultadas pela sociedade?!

Não despresaste a Samaritana; perdoaste á adultera; consentiste, que uma meretriz te amasse e ungisse os pés com balsamos e lagrimas; chamaste para juncto de Ti os meninos, deste a uns a bemaventurança, prometteste a todos o ceu; e consentes, Senhor, que o homem se suicide, matando os seus semelhantes; que, vergado sempre aos pés da sua cruz, trabalhe noite e dia, e regue o pão com lagrimas; que gema e chore, e, assim como o verme, rasteje no pó?!... — Insondaveis designios da Providencia — Responde uma voz dulcissima.

«Espera e crê!» Disse-me o anjo da guarda.

Salvê, fagueira visão. Salvê, espirito consolador! Se não viesses agora, eu descrevia de Deus e dos homens!

## II

Amor e Saudade são duas palavras que, ora se escrevem com letras côr de rosa, ora se envolvem em negra tarja de dô.

No meu coração tenbo-as ambas escriptas com fogo. Apagal-as é impossivel, porque uma vestal lança nesta pyra incentivo a mãos cheias.

Estão no imo do peito. Alimentam-se, e vivem da minha vida, absorvem o ar que respiro.

Consubstanciaram-se consigo.

Não posso hoje apartar-me do meu Amor, nem da minha Saudade.

Como separar-me, se a separação era morrer?!

Como caracterisar sentimentos, tão oppositos?

Hoje o amor é flor, que rescende fragranças, d'onde as abelhas do Hymetho podem sugar pollen em abundancia para comporem mellicos favos; amanhã esta flor é um espi-

nho penetrante, crava profundo, como a garra adunca de uma féra.

A Saudade bateu á porta do coração na hora, em que eu contemplava o raiar d'uma linda aurora de abril. Foi na primavera da minha vida. Jamais olvidarei a ventura d'esse dia, que tão rapido fugiu, para mais não volver. O que vale um dia no cyclo da humanidade? Nada para Deus, para o homem tudo!

Para mim aquelle dia equivale a um seculo, ou a uma eternidade. Na ampulheta do tempo escoou-se uma areia, que foi para nós um mundo!

Tenue, como gotta de orvalho, desfez-se, evaporou-se.

Apenas a aragem macia lhe tocou, caiu como cáe frouxel de ave, ou petala de rosa á torrente do rio, que a impelle até sorvela no abysmo.

Quando, á tarde, acordei do meu sonho ledo, a fada envolveu-se em clamyde de luz crepuscular, e com a extrema restea de sol poente eu vi-a descer... descer até sumir-se nas trévas da noite!

Procurei-a depois por toda a parte, mas embalde me appareceu!

Por isso eu me revolvo em leito de espinhos; por isso as noites para mim não têm estrellas, nem os dias sol, que me acalente os membros entorpecidos.

O meu Amor foi urna de balsamos um instante apenas; transformou-se logo em calix d'absyntho; amanhã, e talvez sempre, continuará esta magoa profunda, se aprouver a Deus prolongar indefinidamente esta agonia e esta existencia!

Vendo Christo ante Si a via do golgotha, a cruz, os espinhos e a morte, quasi duvidando da omniptencia para encetar a maior empresa, receando não completar o maximo sacrificio — a redempção —, que só Elle podia realisar, com espirito e o corpo oppressos pela enormidade das culpas do genero humano e pelo peso da agonia, exclamou: *transeat a me calix iste!* O Pae, porém, mandara-o soffrer e morrer pelos homens, deram-Lhe, quando Elle teve sede, fel e vinagre; quando pediu para todos o perdão, com uma lança trespassaram aquelle seio immenso, — synthese de todas as perfeições, mas concentrando nesse instante todas as magoas jámais soffridas —, o qual, á mingua de sangue, deramou as lagrimas, que os olhos não poderam chorar!

Deram-Te a morte, oh Christo! A Ti, que havias dado a vida a tudo e a todos; que tinhas com a palavra ensinado doutrina e com exemplo o caminho da Bemaventurança!

No momento, em que proferiste as palavras: *Consummatum est*, cumprira-se a Tua missão, ó Martyr Divino; a taça dos Teus soffrimentos exgotou-se então!

## III

Aprazem-me as horas da noite. As trevas são negras, como é negro o carvão que já foi rubro, quando acceso.

Assim também o meu coração. Quando um olhar de virgem o illuminava por dentro e por fóra, a minha alma era um templo, em cujos altares ardiam thuribulos, opulentos de myrrha e incenso; então nem flores, nem musicas te faltavam, ó deusa do meu coração!

Desde que me abandonaste, apagaram-se as luzes; está a lampada sem oleo; as flores murcharam; as paredes negras estão nuas de votivas capellas; e em vez d'hymnos echoam os agoureiros e lugubres cantos do mocho e da coruja.

Vê tu, o que fizeste! Esvahiram-se tantas esperanças, que havíamos concebido; tanta gloria sonhada, tamanho amor jurado; o nosso hymeneo; o thalamo, que preparaste com tanta sollicitude; o teu vestido branco; a grinalda de flores de lorangeira estiolou, emfim tudo feneceu!

A casinha, que eu destinara para nossa venda, está em ruinas; é um cemiterio o jardim que eu plantei para ti sómente.

Secou a fonte; o pomar não dá fructos; aquelle casal de rollas mansas morreu á fome e sede; o pombal deserto; as olaias foram cortadas; a magnolia não deu sequer uma flor; as trepadeiras e as madre-silvas estão ensombradas pelas ortigas e pelos cardos, que por lá nasceram.

O lago, onde nós tencionavamos navegar em donairoso barquinho, é hoje um pantano infecto e malefico.

Cuidavamos ir em noites estivas passear ao longo das varzeas, percorrer ribeiras, sentarmo-nos á margem do rio, ouvir os rouxinoes dos synceiraes, ver reflectir-se na superficie da agua a prata da lua, e por cada estrella, que tu contasses, dar-te um beijo!

Agora vivo na escuridão. As vezes alongo os braços; tacteio em vão a buscar o ponto, onde devia terminar este affecto tamanho, como a minha dôr.

Os labios estão frios, como o gelo da morte.

O teu nome sae-me do coração, irrompe como lava, mas a neve susta-lhe o impeto.

Assim a onda retrocede, quando dá de chofre sobre o rochedo da praia.

O teu nome é segredo. As brisas, a quem confiei os meus suspiros, sabem-no; os homens não. Por isso eu me escondo, e lhes fujo.

Todas as divindades tem os seus mysterios. Saberão a minha agonia, mas não levantarão nunca a ponta do véo, que te envolve, oh sacrosanta divindade!

(Continúa).

D. F.

## O primeiro beijo

Comigo tinhas deixado  
Da walsa os doidos volteios,  
Criança dos meus anhellos!  
Em ondas sobre teus seios  
Cahia o véu perfumado  
De teus doirados cabellos.

Sósinhos!... alem nas sallas  
Entre o cortejo das bellas  
A farça, o dolo, a mentira!  
Sómente, alli, tuas fallas,  
A lua, o céo, as estrellas,  
E das ramagens a lyra.

Minh'alma, sonho ditoso!  
Como a folha, palpitava  
Ao languor d'aquelle harpejo  
Que de teu labio manava,  
Sorrias, lyrio mimoso!  
Beije-te... rapido beijo!

Estremeceste, e córando  
A mão de branco enluvada  
No seio a medo poisaste,  
Silente, fria, magoada,  
Ajoelhei-me chorando,  
'Num beijo me perdoaste.

Agora, no meu retiro,  
Quando recordo o passado  
E nos meus braços te vejo:  
Meu peito ancea, deliro!...  
Ergueu-me a um céu estrellado  
Aquelle primeiro beijo.

1868.

c.

## A vida

(A um poeta)

¿Que es el placer, la vida y la fortuna,  
Si no un sueño de gloria y de esperanza?..

J. MUNNÉ.

A vida é permanente e angustioso anceo,  
A quem adora o bello e aspira ao ideal!  
A todo o instante, vem cravar-se, em nosso seio,  
O espinho d'uma dôr... desillusão fatal!..

Mas não descreias nunca! O sol da tua gloria  
Não podem, cá da terra, as sombras apagar.  
Embora o céu se enturve! A vida é transitoria;  
Mas do talento a chamma eterna ha de brilhar.

Se és laureado já, na flor da tua idade,  
Não queiras que esmoreça o fogo da poesia;  
Escuta o que te diz a voz da mocidade,  
Caminha sempre apoz da estrella que te guia,

Pois tu, que tens o genio, e que ao céu te levantas  
Em sonhos de poeta, em extasis divinaes,  
Has de, um momento só, rasgar as tuas plantas  
Nos espinhos cruéis, que causam prantos, e ais?...

Oh, não! não póde ser! O grande, o justo, o forte  
É sempre sobranceiro ao mal que o mundo têm:  
O mundo d'elle é outro e ao rigor da sorte  
Responde com um riso, um riso de desdem!

Nenhum poder consegue aniquillar poetas,  
Nem derribar do genio a justa soberania;  
Por Deus é concedida e hão de tocar as metas  
Que têm de atingir os reis da melodia.

Não desanimes, pois! O sol da tua gloria  
Não podem, cá da terra, as sombras apagar,  
Embora o céu se enturfe! A vida é transitoria;  
Mas do talento a chamma eterna ha de brilhar!

D. M. ANGELICA D'ANDRADE.

### Folhas de Rosa

A...

A lamina polida de um florete refulge, ás  
vezes, á luz da lua, e chovem lagrimas, mas  
não te assustes; a minha historia é suave, são  
— *Folhas de rosa*. —

Encontrei-as na carteira d'um amigo; esmae-  
cidas como estavam pareciam-me ainda bellas;  
não lhes renasceriam os perfumes, se lhes avi-  
vasse as côres?

Feliz estação a do primeiro amor! Ama-se  
e teme-se; escrevem-se cartas com tintas que  
se escondem, que se recatam no papel, como  
num cofre encantado; depois o calor d'um co-  
ração ou o d'um ferro passam por elle, e os  
pensamentos surgem como os tiros de luz de  
uma aurora. Pelas *Folhas de rosa*, para evocar  
o que se escreveu nellas, deixa-me passar a  
memoria, que se já não é saudade, tem ainda  
calor.

Depois eu escrevo para tu leres. — Para  
Vossa Magestade ver — dizem os ministros  
apresentando aos reis os decretos das suas  
pastas. — Para tu leres — digo eu: tu tambem  
tens um throno.

Estas *Folhas de rosa* cahiram das mãos d'uma  
mulher, menina e moça e casada, sobre a ca-  
beça d'um joven, de quem fôra o primeiro  
amor. Soffregos de perfumes, os anneis do ca-  
bello do mancebo prenderam-n'as; elle cas-  
tigou os desgrenhando-os e soltando ao vento  
as folhas que pretendiam reter.

Se algumas te forem ás mãos, em te encon-  
trando junto d'um arroio, ou á beira d'um rio,  
lança-as na agua; pensamentos e desejos que  
não sejam puros, a vasa do coração, embar-  
ca-os nellas, e envia-os nesses barquinhos ao  
mar do esquecimento.

Eu tinha treze annos e exame de instrucção  
primaria e de latinidade; aprendera o que  
vai do *a b c* até á medição d'um hexametro  
Virgiliano e á analyse d'uma harengua altiva  
e esculptural de Tito Livio; o circulo em que  
se estreitavam os parques haveres scientificos  
da minha villa percorrera-o; era necessario  
voltar costas ao berço, á casa em que as pes-  
soas são coisas com que nós brincamos, os  
moveis pessoas que fallam connosco, em que  
tudo é claro e risonho, para demandar as praias  
incertas e nevoentas do futuro.

A minha infancia! deixae-me volver os olhos  
e despedir-me d'ella; a quem sae de Sodoma,  
concebe se que os anjos lhe vedem olhar para  
traz; mas quem prohibiria um adeus voltando  
o rosto, um adeus acenando o lenço aos que  
deixam o paraizo?

Nos primeiros annos, a consciencia do ho-  
mem não está na alma, mas no rosto; é o rosto  
da creança que sabe da existencia e se delicia  
com ella; o sentimento envolve-o, como uma ro-  
doma, cinge-se-lhe ao corpo, como uma atmos-  
phera, mas, atrevesando-a todas as gottas  
de chuva e todos os raios de sol, não recolhe  
umas, nem doira com os outros o livro da vida;  
como tudo se passa á superficie, tudo o vento  
leva. Depois a memoria começa a enthesourar  
os fios d'ouro com que se nos enreda a phan-  
tasia; mas, do mesmo modo que os pyrilmpos,  
não ha memorias que só brilham e são bellas  
na escuridade? Não falleemos das minhas; que  
importam ao leitor?

Todavia os primeiros annos são o eden de  
cada homem; se houvesse saudades com per-  
fume, deviam-se chamar — saudades da in-  
fancia.

### II

O mez de setembro ia-se acabando; a qua-  
tro de outubro, no dia de S. Francisco, devia  
eu estar no Seminario da cidade visinha, ves-  
tido numa batina ecclesiastica — um botão de  
homem amortalhado.

A familia que me substituiria a minha li-  
dava em me preparar a roupa; o bahú ia-se  
opulentando todos os dias; uma arquinha de  
páu destinada para fructa e gulodices tinha o  
mesmo destino; cada hora lembrava ao amor  
d'uma senhora, de quem minha mãe fôra  
criada e amiga, e que me não deixava sen-  
tir a sua falta, alguma miudeza que se esque-  
cera; eu assistia a tudo isto, sereno e tran-  
quillo; ia; triste ou alegre? Impassivel. Ouvia  
a senhora que me servia de mãe contar a um  
alumno do Seminario, como se pretendes-  
se erigil-os em lei, quaes eram os meus costum-  
es e gostos, informar-se das mais pequenas  
cousas e suffocar-me em disvellos.

— Olha, dizia-me ella, no bahú lá vai um  
agulheiro, um cartão de alfinetes, retroz, um

dedal; se alguma vez te cair algum botão, ou uma marca da camisa...; escreve muitas vezes, sim? Nas quartas feiras hei de te mandar fructa e bolos. Tu não has de ter saudades de nós? Sê sempre bom; se tu fosses máu, nós eramos infelizes. —

Tudo isto que hoje me parece formosissimo e me enleva, via-o e ouvia-o então, quasi indifferente, o estúpido do meu sentimento.

Chegou o dia da partida; nenhum baile, como no Jocelyn, na noite da vespera; nenhuma donzellas que me desejassem e se dissessem em segredo e apontando-me:

Joven e bello, como acredital-o?  
Prefere ao nosso amor uma batina;  
O mundo? teme-o. Ah! pobre menino!

Nenhumas que passassem diante de mim e me esmagassem dizendo: — não somos nós mais bellas? — Eu era joven de mais; que mulher me quereria entregar o coração? As crianças quebram tudo.

No dia da partida tomei a benção da familia que era minha, porque m'a dera a providencia; responderam-me com abraços e lagrimas, e parti.

A sombra das azinheiras que orlavam a estrada, lembrou-me o barrete e a batina, disse comigo: — eu tinha vontade de brincar, mas é necessario ser serio.

(Continúa).

L.

### Pede por mim!...

Pede por mim, de joelhos  
Juncto da mãe que estremeço,  
Eu por ella e por ti peço,  
Cheio de crença e de amor:  
Que Deus, que é bom e que é justo,  
Me mande um raio d'esperança,  
Que seja a minha bonança  
Neste oceano de dôr!

Pede por mim! é sublime  
Tua singella oração!  
Nascida num coração  
Que soffre, que adora e crê;  
É como o aroma saído  
D'um vidro de fina essencia!  
Tem a sancta providencia  
D'uma biblia que se lê!

Pede por mim! não encares  
A rama que cobre o abysmo,  
Em que a toda a hora scismo,  
D'onde não posso fugir!

Que tu não vejas as flores  
Que em suas bordas vicejam,  
Que os felizes as não vejam  
Porque os podem seduzir!

Pede por mim, quando á noute,  
De joelhos sobre o leito,  
Soltas as tranças no peito,  
Vivas as rozas do pejo,  
Mais humilde do que um vime  
Curvado ao sopro do vento,  
Te trazer o pensamento  
Ao desterro em que me vejo.

Pede por mim, que teus rogos  
Dão-me forças e coragem!  
São como os beijos da aragem  
Nas horas quentes do dia!  
São como ao sceptico o impulso  
Que de novo o torna crente!  
São como a luz providente  
Que numa senda nos guia!

Pede por mim! não te esqueças  
De quem só vive da esperanza,  
De nalgum dia, criança,  
Te dizer «anjo, sou teu!»  
E eu sentirei mais suave  
A minha pesada cruz!  
Depois das trevas a luz!  
Após o martyrio o céu!

ANTONIO DE MACEDO.

### A gloria

Mancenilheira fatal que nos attrae com a luxuosa florescencia da sua coma escarlata, adormecendo-nos á sombra, embriagando-nos primeiro, para depois nos distillar nas veias o corrosivo fatal do desanimo... e da morte!... Gloria! filtro magnetico, que transborda da amphora ebúrnea de uma sylphide, que fluctua no ambiente dos sonhos tempestuosos da mocidade, e, cae sobre nós, como lava candente que devora!... Gloria! estrella que desponta sempre no céo do poeta, embora pallida e bruxuleante, como a lampada dos tumulos... Flôr perfumada, vestida de purpura, coroada de diamantes, opulenta e formosa; flôr que vale mais do que a corôa dos monarchas, mas que se desfolha quando a colhemos, depois de ferir com os espinhos que lhe resguardam a haste!...

Nuvem caprichosa, que tomamos por Juno; phantasma que se levanta na estrada da vida, coroado de rozas, como a musa da Grecia, acenando-nos de perto e fugindo-nos para longe! .....

Estrella, flôr, nuvem, phantasma, sonho

ephemero da mocidade, Mancenilheira fatal,  
como eu quizera, inda assim, adormecer á  
sombra dos teus ramos perfumados, illumina-  
da pelos teus esplendores, envolta no véu  
diaphano da illusão, embriagada, esquecida,  
embebendo a alma na luz, embora accordasse  
depois convertida em cinzas!...

Lisboa.

D. GUIOMAR TORREZÃO.

### Nunca?

Quebrada das rochas, do vento batida,  
Descança nas praias a vaga do mar;  
Dos annos cansado, cansado da vida,  
Um dia em teus braços irei repouzar.

Ao nauta no porto que importa o levante?  
Que importam contigo da sorte os baldões?  
Em meio deserto, palmeira fragrante,  
Oh! dá-me em teus ramos abrigo aos tufões.

Andei largo tempo, sem norte, sem rumo,  
Os plainos ardentes d'infundo areal;  
O sol dardejava os seus raios a prumo,  
Negava-me a terra da fonte o crystal.

Da longa jornada cansei no caminho,  
Securas e fome vergaram-me ao chão;  
Era ave inexperta, perdida do ninho,  
Afflicta crusando do mar a soidão.

A tarde caía, prostrara-me o somno;  
Na frente pousava-me a brisa o frescôr,  
Qual varre a nortada do arbusto do outono  
As folhas já secas, perdido o verdôr.

E em sonho formoso affagar-me os cabellos  
Mão trémula, ardente, cuidei de sentir...  
E o sol desmaiava, e a lua com zelos,  
Talvez invejando meu triste dormir.

Sonhei me apertavas ao peito, sorrindo,  
Sonhei de venturas, de amores sonhei;  
E ao doce contacto do teu gesto lindo,  
Desperto com forças, alento cobrei.

Visão redemptora de longe surgiste,  
E o brilho descobri d'immense pharol.  
Que enlevo suave d'essa alma tão triste,  
Toucando de nuvens meu lindo arrebol!

Ao jubilo aberto quizera o teu rosto,  
De côr animado, brilhante de luz:  
Estrella, que fulge n'um céu de sol posto,  
De noite mais brilha, dourando alva cruz.

Não sei o que leio, que dizem teus olhos  
De vago, de triste, de amargo talvez...  
Estragos causados por negros escolhos,  
Injurias, por certo, que o norte lhes fez.

Mas hoje que á patria por fim abordámos,  
Saúda-a, rasgando de luto esse véu;  
O amor, qual o sonhas, n'este ermo encontrámos:  
Verduras por leito, cortinas o ceu.

Esquece da martyr as lagrimas soltas,  
Meus labios ardentes as podem seccar...  
—O encanto quebrou-se-me!.. Á sondas revoltas  
Tornei para sempre, não ha repousar!

LUIZ SARREA.

### O seu retrato

A Vicente Monteiro

Eu tive em minhas mãos essa pintura,  
Olhando-a, como a tímida criança  
Para a moldura d'ouro onde descansa  
Um rosto singular em miniatura.

Como a virgem ideal d'uma gravura,  
Tem a face gentil, serena e mansa:  
Vagarosa lhe desce a loura trança  
Por traz dos niveos hombros na textura.

Seu nariz d'uma curva graciosa  
Contrasta com a bocca pequenina,  
Emmoldurada em labios côr de rosa.

O seu olhar é triste. A veste fina,  
De seda preta, assenta donairoza,  
Na cutis d'uma alvura alabastrina.

Coimbra.

GARCIA REDONDO.

### Perdida

(Imitação)

Achei-me sobre o mundo abandonada...  
Soffri enquanto pude, mas sentia  
Que o braço da miseria me cingia  
E lancei-me no abysmo, desgraçada!

Era pura e formosa, fui amada,  
E n'esse doce affecto eu resumia  
Um gozo ethereo e santo qu'enebria  
Como aroma da flôr mais delicada.

Mas a sorte cruel, a desventura  
Amor, encantos... tudo me roubou;  
Só mais me encheu a taça d'amargura:

A lama, o pó terreno, eis o que eu sou!...  
«Porque negais, Senhor, a sepultura  
A quem na vida allivios não achou?»

Coimbra.

A. B. RODRIGUES.

**Hsphinxge**

E os lemures da noite vão passando  
Ante os olhos cansados do vidente;  
Sou a larva que vaga eternamente  
Das larvas sepulchraes por entre o bando!

D'onde venho? Quem sou? astro d'um dia,  
Que o pé do creador lançou no espaço,  
Descrevendo ao cahir sombrio traço  
Nas laminas da noite humida e fria.

Assim a aguia vil incendiada  
Que vê do ceu os biblicos segredos  
Deixe cahir a presa ensanguentada  
Nas arestas dos ingremes rochedos

Em vez de nos lançar aos duros trilhos  
Antes, ó Deus, em paramo nocturno  
Tu comeces a carne de teus filhos...  
.....  
Como eu te adoro, ó lugubre Saturno!...

G. G. F.

**O sr. Cura**

(Cantigas para viola)

I  
O Cura da minha aldeia  
É prégador infeliz:  
Préga sermões espantosos,  
Mas falla por o nariz.

II  
Se as ondas fossem de vinho  
E fosse a terra o foliar,  
Depois de comer a terra,  
O Cura bebia o mar.

III  
O Cura da minha aldeia,  
Vendo a arca de Noé,  
Mandou logo fazer d'ella  
Uma caixa de rapé.

IV  
O Cura da minha aldeia  
É um Cura nunca visto:  
Dava o manto de Jesus  
Por um habito de Christo.

V  
O Cura da minha aldeia  
É d'altura d'um castello;  
Qual seria o marmeleiro  
Que produziu tal marmelo?!...

Recebemos e agradeceremos

**O CONTEÚDO E O CRITERIO DO DIREITO**

POR

José Frederico Lavanjo  
Estudante do 1.º anno juridico

Contém: exposição dos principios fundamentaes do systema de Direito de Kant, e resposta ás objecções que se lhe tem feito; — exposição e analyse dos principios fundamentaes da Philosophia do Direito — do ex.º sr. dr. Brito; deducção total da idéa do Direito, dando em resultado ser o — *Neminem laede* — o criterio exterior e social do Direito, e o principio da escola de Krause parte do seu conteúdo e um criterio individual.

Preço 240 réis. Acha-se á venda nas principaes livrarias de Coimbra.

**EXPEDIENTE**

Seria faltar ao dever mais nobre e sagrado, seria imperdoavel a culpa, se não pateassemos, o nosso profundo reconhecimento e gratidão ás illustres poetisas, que tão prompta e sollicitamente accederam ao nosso convite, honrando-nos as columnas d'este jornal com os seus mimosos artigos, aformoseando-nos as paginas d'esta publicação com os seus nomes tão distinctos na litteratura portugueza, de que formam um dos mais bellos ornamentos. E igualmente agradeceremos a todos os cavalheiros que nos honram na collaboração d'este jornal.

A absoluta carencia de espaço obrigou-nos a retirar alguns dos artigos, que nos foram enviados. D'esta falta involuntaria pedimos desculpa aos nossos illustres collaboradores.

Rogamos a todos os cavalheiros nossos assignantes o obsequio de satisfazerem o importe das suas assignaturas, até ao dia 25 do corrente mez, para que não soffram interrupção na remessa do jornal, a cujas despesas, de outro modo, nos será impossivel satisfazer.

O pagamento das assignaturas, de fóra de Coimbra, deverá ser feito em estampilhas de 25 réis, ou em vales do correio.

**Preços da assignatura**

Por anno..... 1560 | Por trimestre.... 530  
Por semestre.... 780 | Por mez..... 130

Não tendo estampilha, desconta-se o respectivo importe.

Os srs. assignantes, de fóra de Coimbra, deverão dirigir-se directamente a A. Bettencourt — Rua dos Anjos, n.º 30 — Coimbra.

A redacção d'este jornal é completamente extranha á *Folha*.



# O PEREGRINO

1871

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

1.<sup>a</sup> Serie

## Edgar Poe

..... *Quelque maître malheureux  
à qui l'inevitable Fatalité à donné  
une chasse acharnée, toujours plus  
acharnée, jusqu'à ce que ses chants  
n'aient plus qu'un unique refrain,  
jusqu'à ce que les chants funèbres  
de son Espérance aient adopté ce  
mélancholique refrain: « Jamais!  
Jamais plus!*

(EDGAR POE. — *Le Corbeau*.  
— Trad. de C. Baudelaire).

### I

Entre os diversos auctores, que respeito e venero, na litteratura estrangeira, occupa Edgar Poe um logar importante. Ha um não sei que de mysterioso e symbolico, no deslizar de suas idéas, um *quid* de phantastico e grandioso, que me deixa devéras enleiado e captivo. Muitas vezes comparo-o com Hoffmann, ou Balzac, e, ainda assim, lhe reconheço superioridade. Hoffmann quiz lutar com a Parca implacavel do seu destino, e encontrou-se fraco, no meio da sua heroica peregrinação. Balzac forcejou, toda a sua vida, por conjurar a fortuna, ludibrio da humanidade, mas nunca o conseguiu plenamente. Edgar Poe fez mais, porque teve de arcar constantemente com os terriveis e sombrios obstaculos da vida material. A miseria foi, por muito tempo, a sua fiel e inseparavel consocia.

Mas foi, tambem, durante essa época de doloroso penar e acerbo soffrer; que Edgar Poe aprendeu a conhecer, bem a fundo, a refinada hypocrisia e estulta fatuidade do elemento em que vivia. Por isso, em quasi todas as suas producções transsudam uns longes de melancholia amarga e severa, que bem lhe retratam o seu caracter.

Semelhante a Byron, Edgar Poe era uma d'essas imaginações vulcanicas, para quem o universo era circulo demasiadamente estreito, para que o pudesse jámais conter em seu seio. Queria ser superior á sociedade, que reputava o peor dos supplicios a que o homem podia estar sujeito, no decurso da sua vida ephemera; por isso, tambem a felicidade foi para elle um escarneo e apenas uma visão longinqua e tenebrosa.

Ainda não ha muito que liamos um livro d'um auctor celebre, da moderna litteratura

europêa, onde se intentava provar «que era de todo impossivel a um poeta encontrar um logar, que o satisfizesse absolutamente, quer fosse numa sociedade democratica, quer numa aristocratica, e muito menos numa republica, ou numa monarchia absoluta ou temperada.» E é isto uma verdade, que vemos confirmada a cada passo. Quero mesmo abstrahir do auctor em questão. Ha no mundo, d'esses talentos privilegiados, superiores ao limitado espaço em que debalde bracejam, que a mediocridade alcunha de — *loucos* —, porque nunca os soube comprehender! porque lhe é mesmo impossivel conceber essa lucta gigante, que se trava a cada passo, nos espiritos grandiosos, entre a razão e a vontade, — duas faculdades de que depende toda a nossa ventura e bem estar terrestre. Doidos, sim! E quem nos dera sempre d'esses doidos como Alfred de Musset, Lord Byron, Nerval, Espronceda, Lopes de Mendonça, Edgar Poe e outros!!...

Até hoje, ninguem melhor do que Zurilla soube definir o poeta, com mais verdade e exactidão: —

*Que el poeta in su mision,  
Sobre la tierra que habita,  
Es una planta maldita,  
Con frutos de benedicion.*

Edgar Poe fica por aqui, perfeitamente caracterisado, se assim for possivel. A sua vida foi um constante martyrio, suavizado pelas alternativas de melhores horisontes; um anejo febril para a luz, que se lhe antolhava, ao longe, como visão redemptora, uma tragedia estupenda, palpitante de eterna saudade e amor; um echo sinistro, para a estúpida humanidade, e uma grande verdade, no livro fatal da humana desdita.

Edgar Poe, infelizmente, nunca se pôde coadunar com a indole e costumes do seu paiz. Para elle, os Estados-Unidos — segundo o judicioso parecer de Ch. Baudelaire — não eram mais do que uma vasta prisão, que elle era obrigado a percorrer, invariavelmente, com o enojo do febricitante; e onde o seu viver psychico, ou de poeta, se resumia num supremo e angustioso esforço, para se poder esquivar ás influencias perniciosas d'aquella atmosfera funesta e antipathica. E tanto isto é verdade que um biographo americano, falando de Poe, nos diz: — «que elle poderia ter sido um auctor de grande fortuna — a

*money making author* —, se, porventura, tivesse moldado o seu genio e faculdades creadoras, d'uma maneira mais apropriada ao sólo americano. Outros diziam — que o seu estylo era muito abaixo do vulgar, e, como tal, apenas poderia ser remunerado, em relação a outros auctores.

O que se pode deduzir, portanto, de todas estas opiniões e acirradas controversias é que Edgar Poe não havia nascido para a sua patria, como Dante não houvera nascido para a Italia. A America ingleza é um paiz ainda infante, onde a litteratura mal pode lançar raizes vigorosas e duradouras. Alli a actividade material reflecte-se inquestionavelmente, em todas as cousas publicas e particulares. A industria é o seu principal agente. Por isso, facil nos será explicar a razão, porque um homem, como Edgar Poe, nutrido, em seu peito, esses sonhos grandiosos, que alimentam os grandes genios, em todos os tempos e logares, — esse aspirar continuo e abraçador, para as regiões do absoluto, do infinito, ou melhor do — *self same* —, como elle nos diria antes; — não podia limitar a vastidão do seu atilado engenho, ao viver tacanho d'uma sociedade, apenas, embryonaria. E, alem d'isso, nós sustentamos com inteira convicção que: — *a forma mata a idéa, como a acção esterilisa o pensamento.*

De Edgar Poe poderíamos nós aventar, sem receio, o mesmo juizo que Ch. Nodier havia feito de Lord Byron: — «A apparição de Edgar Poe, na litteratura americana, foi um d'esses grandes acontecimentos, cuja influencia se estende a todos os povos, e a todas as gerações; não que Edgar Poe creasse, como querem alguns criticos, um novo genero de poesia, pois não é dado ao homem ser creador de coisa alguma; mas, porque ha sido o mais poderoso e inspirado interprete de todos os sentimentos, de todas as paixões, de todos os delirios, emfim, que marcam a tempestuosa crise, entre os ensaios d'uma sociedade nascente, e as convulsões d'uma sociedade que baqueia. — Edgar Poe não inventou essa poesia, que estava na ordem das cousas, o que fez foi revelal-a.

(Continúa).

MAGALHÃES LIMA.

### Sonetos

Ao meu amigo A. de Macedo

Em que hei de eu crer? Se vejo desabando,  
Como ruinas, as crenças do passado,  
Entre o cháos não vejo de que lado.  
A verdade nos venha despontando;

Se o homem segue, oppresso e miserando,  
Seu caminho de lagrimas regado;  
E, quando os olhos volve contristado,  
Não vê sequer o céo piedoso e brando,

Se nelle tudo agora é morto e gasto:  
— Alento, fé, virtude, amor e gloria;  
E é seu peito um sepulchro horrendo e vasto;

Se tudo passa em optica illusoria, (1)  
Sem que deixe de si nem tenue rasto,  
Em que se firma a crença transitoria?...

Dizei-me vós, intrepididos videntes,  
Que perscrutaes as sombras do futuro,  
Se o vêdes menos triste e menos duro,  
Se nelle brilham dias mais ridentes?

Accendei bem o lume em vossas mentes,  
Porque seja o porvir menos escuro;  
Mostrae-me vós a fé, que em vão procuro  
Achal-a em nossos cerebros doentes!

A razão, a razão! Luz oscillante,  
Fanal que torna as trevas mais intensas,  
Mais negro o céo, a crença mais distante!

Tu, homem, tu meditas e tu pensas ...  
Orgulho vão! Caminhas mais errante,  
Envolto sempre em duvidas mais densas!

LUIZ CARLOS.

### Folhas de Rosa

#### III

A cidade de Portalegre embosca as suas casas alvas e muitas vezes elegantes em lanjanças e jardins, que as intermeiam, refrescam e perfumam; vêde-as de longe, e não são casas, mas ninhos pendurados nas ramarias em horas de dedicação e de amor; um quasi semicirculo de collinas com dupla formosura, a da vegetação e a das formas, cinge-se por um dos lados á frente da cidade; lembra um d'aquelles diademas que nos retratos d'algumas rainhas se lhes alteia na testa, e corre depois occultando-se por baixo do diadema natural dos cabellos. A um outro lado ergue-se uma pyramide aguçada em rochas, faceiando e mudando o rumo da serra, que vai abaixando o dorso á proporção que da cidade se affasta para o noroeste. Quando caminha para o occaso, o sol parece que se empina e se detem um pouco na agulha da pyramide, para, como amante, saúdar, irradiando sobre ella os ultimos olhares, a incantadora cidade. Para o sueste vastos horizontes, campos em que se perde a vista, céu em que, esvaecendo-se, se engolfa e mergulha a imaginação.

Enrolai á cintura da risonha cidade um braço de mar, e tendes Corynthio; homens e mulheres, estas mórmente, são de lá; o sol, sem que ás vezes lhes tisme as faces de leve,

(1) Espronceda.

lança-lhes fogo no coração e chammejalh'o até aos olhos; estes assestam-nos ellas á maravilha, combatem e caçam com elles.

Ao cahir da noite, se passais pela rua, vedes que as janellas se vão abrindo, ouvis uma corrente de requebros, que têm dupla nascente e dupla foz, os labios e o coração d'um homem e d'uma mulher namorados. A toda a hora ouvis musica, melodias de flauta, lamentos de rebecas, suspiros de violas, alegrias de pianos.

Conta-se de gente que viviam do cheiro das flores? Portalegre vive de musicas; a horas mortas, se tudo dorme, haverá ainda quem as sôe, o arvoredo e as agoas de tanto ouvil-as sabem-n'as e repetem-n'as.

Mas eu tinha treze annos; que me importava a cidade a embalar-se em prazeres?

## IV

É humilde, mas poeticamente situada, a casa em que, para o repousar, introduzo o leitor, e em que me hospedaram antes de entrar para o seminario. D'umas das janellas vê-se a cidade e a pyramide que lhe serve de padrão, d'outras vêem-se collinas variamente trajadas, a que se encosta, quando aquellas se curvam, um convento que foi de frades de Sancto Antonio.

Opulenta d'arvoredo e d'agoas, fazendo se formosa do que a faz rica, a cerca do convento projecta para longe a sua belleza, e ao longe a deixa ver; e se a vista se recreia com o aspecto das arvores, o vento rouba-lhes muitas vezes o perfume das flores, e derrama-o como um anjo que vai passando, pelas casas que ficam no sopé da collina. São as tranças perfumadas d'uma cabeça esbelta a envolverem nos seus aromas o rosto e os seios da gentileza que os possue.

Voltando o rosto á janella, troca-se a opulencia pela simplicidade; eu e o leitor estamos n'uma salla modesta e antiga. Ao fundo abre-se na parede um concavo, e n'elle ergue-se um Christo; fronteira uma meza; ao lado uma commoda e sobre ella um pequeno oratorio resguardando um menino Jesus; pela parede laminas, em que no vidro, sobre fundo azul, estão pintados alguns dos sanctos mais populares; são de junça as cadeiras; a um dos extremos da casa, numa especie de alcova, que nella se abre, está um berço e nelle uma creança; senta-se juncto d'ella uma outra de dez annos, que umas vezes sorri para o berço, outras o embala, outras o esquece revendo-se nas bonecas, entretendo-se com os pedaços de renda e os retalhos de chita que tem no regaço. Entra e sabe, lidando, a mãe das duas creanças; eu encostava-me numa meza pequena dilatando os olhos para ellas; mas uma dormia, e a mais velhinha, tão severa como eu era serio, como que rindo-se com a sua da

minha seriedade, entretinha-se, sem me olhar, com as suas pequeninas costuras.

A noite, a estas duas creanças e á mãe reuniu-se o pai e mais tres filhos. Fiz parte da familia, sentaram-se, e sentei-me com todos juncto do lar.

«O sr. sabe francez? perguntava-me o pai da Mariquinhas.

— Muito pouco.

«Pois eu já andei pela França. Sabe como se chama isto? dizia elle pegando no pão. Du pain. E isto? Un coteau. E isto? De l'eau. Leia-nos alguma coisa. Eu gôsto de ouvir ler»

— Dêem-me um livro.

A Mariquinhas pareceu ter ouvidos pela primeira vez, levantou-se, foi buscar o livro por que ella apprendia a ler, e entregou-o sem dizer nada.

— Ahi tem o livro, disse-me o pai.

Era um dos tomos das comedias de Antonio José. Li.

No outro dia fui para o seminario; logo que pude vim d'elle visitar a casa onde me tinham hospedado; parecia-me que era a minha; desentristecia-me o coração, allumiava-m'o e aquecia-m'o, como uma réstea de sol de felicidade, aquelle ar de familia.

Vendo-me pela primeira vez de batina a Mariquinhas ergueu-se deante de mim, e mirava-me, a distancia, e sem dizer nada, mas como que fazendo com o rosto pontos de admiração.

Quando me despedi, para voltar para o seminario, ella pulou as escadas adeante de mim, correu, batendo as palmas e rindo, pela rua, e bradava para as janellas:

— Não vêem? Venham cá ver, um padre pequenino que eu lá tenho em casa! —

Era o — Não somos nós mais bellas? — do poema de Lamartine, pronunciado pela innocencia. Serio, como um bispo em dia de pontifical, vendo-a pular e sorrir, eu dizia comigo — Se te podesse puxar as orelhas!

(Continúa)

L.

### Sempre?

(RECORDAÇÃO)

A Pedro Guimarães Barroso

São longas, são tristes as noites de inverno,  
Passadas ao fogo, bem junto do lar:

As louras creanças no collo materno  
Geladas se aninham, tremendo, a chorar.

«Assim reclinado, dormindo á lareira,  
«Nos sonhos de infante que outr'ora sonhei,  
«De alguma formosa princeza estrangeira  
«Os humidos labios, ditoso, provei.

«Embala os pequenos a mãe no regaço,  
«O teu esta noite me acolha tambem:  
«Dos anjos me falla, num languido abraço  
«Eleva-me em sonhos aos mundos d'alem.»

O vento remoinha, lá fóra, na eira,  
A chuva, em torrentes, inunda o jardim;  
As portas com força batendo na hobreira...  
São longas, são tristes as noites assim.

«Estreita-me ao peito nos candidos braços,  
«Ascende-me á patria num beijo febril:  
«Irmãs, nossas almas, correndo os espaços,  
«Vagueiem sósinhas planuras de anil.

«De neve toucando-se, os cumes da serra  
«Reflectem, saudosos, os raios do sol:  
«Assim a minh'alma, fugindo da terra,  
«Se apura em teus labios, augusto chrysol.»

As louras creanças no collo materno  
Sorriem contentes, e a bella a scismar...  
São curtas, alegres, as noites de inverno,  
Ao fogo passadas, em volta do lar.

25 de maio de 1871.

LUIZ SARREA.

### DEUS... AMOR... E POESIA

Do terreno alpestre e inculto  
Rompe o espinho, nasce a flor;  
E de um seio puro e virgem  
Um germen brota de amor.

Da mãe nasce o tenro filho,  
Mimoso fructo de amor,  
Qual nasce da tenra planta  
Fragrante, mimosa flor.

São da onda a nivea espuma,  
São da larva a mariposa,  
Como são d'uma haste debil  
Perfumada e fresca a rosa.

São do mar a fina per'la,  
São do aço a flebil chamma,  
Como são do sol ardente  
Luz que em vida o ser inflamma.

São da lyra uma harmonia,  
São um ai! do coração,  
Da relva surge a bonina,  
São do labio a oração.

Aquell'arvore robusta  
Ninho debil amparou,  
Lindo berço aonde a ave  
Nasceu, viveu e cantou...

E da innocente avesinha  
São ondas de harmonia;  
Os seus cantos nos revellam:  
*Deus... amor... e poesia!*

Coimbra, 1871.

A. E. MACEDO ORTIGÃO.

### Não chores

Não sabes que os anjos embora na terra  
Descessem seu vôo não devem chorar?

C. CASTELLO BRANCO.

Pois quando a vida de encantos  
se começa a matizar,  
e que tudo são só cantos,  
tudo amor, tudo folgar,  
hei de ver-te assim tão triste,  
tão triste, filha, a chorar?

Não chores! Ao soffrimento,  
á mágoa intensa, ou á dor,  
á descrença, ao desalento,  
legou o pranto o Senhor;  
mas a esp'rança quer sorrisos,  
quer sorrisos só o amor.

Não chores! Por esse pranto  
te não ver assim verter,  
te darei, ó filha, quanto  
tu de mim possas haver;  
mas não chores, que me fazes,  
que me fazes padecer.

Olha a lua como splende,  
olha o céu como é d'anil,  
olha o mar como se estende,  
como a flor sorri no abril,  
toda a natureza ostenta  
ostenta bellezas mil.

Tudo alegre, e tu só triste,  
entre lagrimas, te esvaes,  
e não vez que me partiste  
o coração com teus ais?!  
Ergue essa frente, meu anjo,  
meu anjo, não chores mais.

Maio de 1871.

SILVA RAMOS.

### Horas de agonia

Assim como os athenienses n'um dos seus  
altares inscreveram o celebre disticho — *deo  
ignoto*; tambem eu escrevi no meu coração  
— *divae ignotae*.

Adoravam muitos deoses; eu adoro-te a ti  
sómente. Erão elles *tibios na fé*; eu sou in-  
tensissimo na minha crença.

E tanto que não quero outro amor.

Será sacrilegio tanto amar?

Deus é zeloso; exigirá a plenitude do nosso  
ser?

Não permittirá o amor ás suas creaturas  
por ser uma paixão terrena e material?

Adorando-te, adoro a Deus. O meu amor  
é purissimo e isempto de mácula; é celestial.

Tem cada templo altares. Em cada altar venera-se a imagem d'um sancto, ou sancta. Em todos adora-se a Deus.

Tambem o coração tem multiplices affectos. Variam apenas na forma; na essencia subsiste um unico affecto — o amor.

Para o amor tendem as adorações universaes; as affeições todas encerram se no amor.

Abramos o livro da criação. Temos nelle admiraveis e formosissimas producções. Não devemos olhar com horror o aspide venenoso; nem menosprezemos o zoophito — ultimo elo da cadeia dos viventes. Tudo é bom aos olhos de Deus; aos olhos do sabio tudo é bello!

A violeta pela humidade, e fragrancia; o cedro pela altura e vigor; o insecto e a aguia; o masthodonte e o homem, — tudo o que o Omnipotente creou por um simples *fiat*, não teve porventura um destino? Não representam todos seu importantissimo papel na scena do universo?!

Para que dedignamos os pequenos, e elevamos os grandes? A nossa apreciação não tem valor n'este assumpto.

Só Deus sabe o termo e as modificações dos seres. O orvalho já foi vapor; vaporisa-se de novo; é chuva depois; depois é rio caudal; e por fim oceano! Um átomo reúne-se a outro átomo; a estes outros successivamente até constituir-se uma molle immensa; d'ella podia ter sahido Galathea, aviventada pelo fogo divino de Pygmaeão; a Madona ou o Moyses; o Vaticano ou o Colosso; a inspiração de Raphael d'Urbino; ou o genio de Miguel Angelo. O astro foi nebulosa; amanhã será planeta; o verme; a chrisalida; o espirito; o anjo; O que foram? E o que serão?!

A metempsychose não é uma pura fabula. Tem sua razão de ser a historia dos deuses e semideuses; dos gigantes e dos homens. A idade heroica é o periodo talvez mais importante da historia da humanidade. É ella que caracteriza perfeitamente a evolução da vida intellectual e moral, e até a vida organica; é a que define o progresso, a serie de modificações, que se operaram no mundo.

### V

Noite esplendida! O firmamento está recamado de estrellas. Não surgiu ainda a lua detraz d'aquella montanha.

O céu é azul-ferrete. Destacam-se brilhantes tantas estrellas, e tão bonitas! A que for mais fulgida, é minha.

Aquella, que for d'ouro prefiro-a, porque é a côr dos cabellos da minha amada.

Roubal-a-hei ao céu, depois hei de circundal-a d'amethystas, perolas e rubis, que fui buscar ao profundo mar.

Escolherei d'entre as rosas do prado as, que mais vividas forem na côr, e rescendentes no aroma. De tudo farei um composto, suavissimo

como canto de trovador, e harmonico como o preludio d'uma harpa eolia.

Percorrerei todos os paizes e climas do globo; inquirirei por toda a parte e em todos os reinos da natureza, — pedra preciosa, planta exotica, ente simples ou complexo, tudo em fim — e de tudo fornarei, como Deus formou á sua imagem e semelhança o rei da criação, um conjuncto de perfeições — a mulher.

Para que? Se o meu pensamento é irrealizavel, e a execução do meu plano inexequivel.

Não formarei decerto a mulher — rainha da criação; porque é impossivel ao homem.

Do craneo de Jove sahio Minerva armada. Do pensamento de Jehovah sahio a mulher perfeita.

Aquelle mytho symbolisa esta verdade, consignada na Escriptura.

Não será blasphemia dizer, que Deus estudou para formar a mulher. Systematico na sua obra grandiosa, começou pelo mais simples até ao mais complexo. No homem empregou grande estudo; descançou em seguida; durante esta quietação talvez o espirito de Deus meditasse na feitura da mulher.

Entendeu, que sem esta corôa o edificio estava incompleto; que ao homem faltava uma socia no seu eden de felicidade; que á sua alma faltavam aspirações legitimas, e que esse vacuo só a mulher o podia preencher.

O homem estava só! Era como lyra, occulta na espessura d'um bosque, suspensa em densa ramagem, sem cordas e sem zephyros.

Eis a musa! Dedos rosados imprimem-lhe movimento e vida; os labios fallam e cantam, dão beijos e sorrisos; os cabellos são cordas, desferindo sons extranhos, inauditos!

Após o seu apparecimento eccôaram hymnos por toda a parte. Toda a natureza é um côro celeste.

Aquella soberana da vontade do homem, e por consequencia de todos os entes creados, apparecera com a magestade d'uma rainha universal.

Milton, o mimoso vate d'Albion, inspirou-se d'este incidente e entoou este sublime epithalamio:

*Haid, wedded love, mysterious law, true source  
Of human off spring...*

### VI

A linguagem é deficiente para exprimir certas idéas. O artista não pode representar no marmore ou na têla o vôo mystico da alma.

Caracterisar a mulher é d'um improbo labor, se não impossivel.

Essa entidade mysteriosa possui mais do céu, que da terra; local-a seria maculal-a, ou tócar na arca sancta.

Os injustos e os máos accusam-n'a, conde-

nam-n'a sem a ouvirem e sem a entenderem; cáem, porém, fulminados pela ira de Deus, como Oza.

Os justos e os bons, esses approximam-se apenas da porta do tabernaculo, ajoelham-se reverentes ante a ara sacrosancta.

«A mulher, diz um sabio nosso, é como a filha dilecta da natureza: ambas dão oráculos, uma nas palavras soltas do seu delirio, a outra no murmuro das folhas do loureiro ao prepassar da viração d'estio, no remurmurejar soturno das robles seculares da floresta do Dódona.»

A mulher, umas vezes occulta se a olhos profanos. Porque dentro de si propria existe luz divina; foje á luz que vem de fóra; aeria, como um sylpho, esvae se ligeira e impalpavel, como uma sombra angelical.

Outras vezes a mulher mostra-se-nos toda vaporosa, como uma fada a olhar e sorrir benevola; provida, como fonte em immenso e inhospito sahará; alma e vida nossa; genio tutellar do nosso destino; planta abençoada do nosso paraizo desata-se franca, ora em flores, ora em fructos! É nossa mãe, irmã, amante, esposa, e sempre nossa amiga.

Quando fomos evocados á vida, apenas acordamos do primeiro dormir, porque carecemos de viver, porque somos arbustó ainda tenro e precisamos de muito ar, de luz, orvalho ou chuva do céu, de succo, de vida... emfim de vida; eis nossa mãe a dar-nos tudo!

Arde o sol demasiadamente. Que importa? Aquelle anjo tem azas para nos emsombiar o berço.

Em leito de plumas adormecemos; e a primavera não tem mais flores para nos embalsamar e purificar a atmosphera, que respiramos.

Se choramos, para mitigar-nos as dores, unge-nos com lagrimas; se rimos, sorri á nossa ventura, porque é tambem a sua; canta-nos endeixas maviosas; dá-nos beijos, como para insuflar vida, que nos falta; resa junto ao nosso berço, ensina-nos a bemquerer os homens e amar a Deus!

Vae-se pouco e pouco dilatando o horisonte da nossa existencia. Surgimos do berço; alguém estende-nos a mão pequenina e leve, vem offecer nos outro apoio. Não tem vigor aquelle braço, flexivel como hastil de roseira, porém Deus contempla lá de cima as suas creaturinhas, e cá embaixo, alli bem perto a mãe vigilante, como Argos, não desprende os olhos attentos e circumspectos ao minimo movimento de seus filhinhos.

É delicioso o quadro. Nós todos, que lemos no passado com olhos marejados de lagrimas, contemplemol-o.

Ahi vae esboçado a longos traços e sem o colorido attrahente de Bernardin de Saint-Pierre, de Garrett e de tantos outros.

(Continúa.)

D. F.

## O Peregrino

(Aos reflectores do jornal litterario d'este nome)

Bem vindo seja o *Peregrino*, á porta  
Da humilde casa que não tem grandeza; m  
Mas onde nunca se negou gasalho,  
Embora escasso por faltar riqueza.

Nobre romeiro de tão bello aspecto!  
Vens adornado com graciosas flores;  
P'ra ti a estrada não tem pó, nem 'spinhos,  
Trazes na frente — luz, poesia, amores!

Eu te saúdo e aos juvenis talentos,  
Que o teu caminho abrilhantar já vem!  
Ávante pois! se a romaria é ardua,  
Da gloria o premio vos sorri além:

Sublime obreiro do progresso, marcha!  
Não retrocedas da missão grandiosa!  
Solta os teus cantos harmoniosos, bellos,  
Que infundem n'alma uma impressão gostosa.

Vai correr mundo e illustrar os povos!  
Que já te esperam com prazer saudoso;  
Vai! e não erres tua brilhante senda,  
Ó *Peregrino*, que serás ditoso!

Bussaco, 24 de maio de 1871.

O. MATTOS.

## A Japoneza

A Victório Parêto

De vestes de grande cauda,  
A japoneza lá desce  
A escada do seu kiosque,  
Que a luz da lua embranquece.

Seguram na grande cauda,  
Cheia d'aves e ramagens,  
Um mandarim todo calvo  
E duas formosas pagens.

Seguem atrás aos saltinhos,  
Vestidos de tunicella,  
Um rancho d'anões coreundas:  
Curiosidades da bella.

Arfando toda cançasso,  
A bella detem-se a espaços,  
E mostra o pé pequenino,  
Quê lhe entorpece seus passos.

Ao fim da escada lá chega  
Aquelle immenso cortejo,  
E todos alli acampam  
Do mandarim a um bocêjo.

D'alli, se avista o palacio,  
Com dragões e campainhas,  
Onde, no cume das torres,  
Fluctuam as ventoinhas.

Um palanquim escarlate,  
Com embutidos a prata,  
Estaciona pousado  
Na relva da extensa mata.

Immenso leque de plumas  
Gira ás vezes indolente  
Nas mãos rosadas da bella,  
Que fecha os olhos dolente.

E pouco a pouco adormece  
Do palanquim dentro já;  
Exhala seu colo o sandalo,  
Rescende sua bocca a chá.

GARCIA REDONDO.

### Chêa do Mondego em 1831.\*

Vês o rio, que vai de monte a monte;  
Carregado de roubos e queixumes,  
Que ora ameaça, ora não soffre a ponte?

FERREIRA.

Por espaço de tres dias estiveram os céos envoltos em densos nevoeiros, que formavam sobre Coimbra um extenso pavilhão. Horrendos trovões faziam resoar com seu medonho estampido os bosques e os valles, e as chuvas pesadas, que se desprendiam dos céos, nos traziam á lembrança o diluvio universal. De cima das montanhas visinhas com terrivel estrondo se precipitavam, como rios, as torrentes de agua; e as arvores, sacudidas por um vento furioso, se arremeçavam para todos os lados, dando gemidos e agudos estalos.

As casas das quintas, que estão situadas nas margens do rio, cercadas pela chêa, pareciam ilhas desertas. Os alamos e as laranjeiras apenas mostravam suas pontas acima das aguas. Os torrões de terra, que a invernada despegava dos oiteiros, que se erguem sobre as bordas do rio, vinham seguindo a corrente das aguas como ilhotas fluctuantes. Dos despojos, que ficavam represados na ponte, se formou uma especie de terreiro, por baixo do qual se escoavam as aguas, que lá hiam sahir da outra banda.

Quando o rio começou a entrar pela cidade baixa, só se ouvia a matinada, que faziam os seus moradores calafetando as portas das lojas. Que admiração não causava ver as pernadas<sup>4</sup> do rio sabindo de umas ruas, e

entrando pelas outras! Transformou-se num mar vastissimo a praça de Samsão: e as aguas, formando pelas ruas uma especie de canal, nos apresentavam em ponto pequeno um quadro fiel da cidade de Veneza<sup>2</sup>. Os habitantes, como as pombas, quando recolhidas nas suas casinhas observam os chuveiros do inverno, póstos ás janellas admiravam a enchente furiosa, que os tinha cereado em suas casas.

No terceiro dia da chêa os conegos de Sancta Cruz mandaram os seus leigos em barcos, segundo o seu antigo e louvavel costume, socorrer as tristes familias, a quem o Mondego sitiara. Quando elles desembocavam lá no fim de alguma rua, os pobres entoando o *Benedicto e louvado*, é alevantando para o céu os olhos e as mãos, abençoavam os seus bemfeitores. Eu vi uma triste mãe, que cereada dos filhinhos, estendendo para o barco os olhos e os braços, clamava que havia dois dias, que não entrara socorro em sua casa. Os estudantes, mettidos em barcos e passeando pelas ruas da cidade, faziam este espectáculo mais assombroso e poetico.

Viam-se, depois de ter passado a chêa, as arvores quasi todas desarraigadas, os campos estragados, e as hortas cobertas de montes de arêa. Tinham de todo desaparecido as viçosas margens do rio, que nesta enchente perderam os seus vestidos de relva.

A. L.

Ao meu amigo Luiz Carlos

Nas faces quando coras,  
Nos seios quando tremes,  
Nos labios quando gemes,  
Nos olhos quando choras,

O amor que tens pensado  
Em risos esconder,  
Eu leio, e podes crer  
Que fico magoado!

pernadas pela terra: e o eruditissimo ANTONIO FERREIRA, notando esta passagem, diz: «Se BARROS dissesse aqui, *fazem braços*, dar-nos-hia a idéa de que só eram dois. Como advertei, que aquellas propagações dos rios ou esteiros de Goa eram muitas, disse *pernadas*, que é um nome de significação indefinida.» E por esta mesma razão usei eu d'elle neste logar. Vid. *Mem. de Litteratura da Acad. Real das Sciencias*, tom. 1, pag. 12.

<sup>2</sup> Anda-se em Veneza por um grande canal, que rega a cidade pela parte do occidente, na figura de um S, e donde desembocam todos os outros canais, que se comunicam de tal modo entre si, que por elles se vai a qualquer parte da cidade sem nunca pôr pé em terra. Vid. *Voyage... de l'Italie par P. PETIT-RADEL*, tom. 1, cap. VIII, pag. 157.

\* *Bellezas de Coimbra* por A. M. Barreto Corte-Real, cap. XXIX, pag. 169; edição de 1831.

<sup>1</sup> BARROS na *Decad.* II, liv. V, cap. I, diz: «Lá dentro estes dois esteiros se communicam ambos, e fazem

Se eu tenho a consciencia  
De que este louco amor,  
Te desbotou a cor  
Das rosas da innocencia!

Se tu eras feliz  
Nessa alegria inquieta,  
Qual doce borboleta  
Em florido matiz,

Se em discos anelados  
Teus aureos cabellos,  
Sem laço a suspendel-os  
Brincavam desgrenhados,

Para que foi um dia  
Este meu louco amor,  
Vergar-te, pobre flor,  
Dizer-té o que sentia?

E agora posso ver  
A rapida mudança,  
Da vida de creança  
Em vida de mulher!

E tenho immensa pena  
De não poder agora,  
Volver a tua aurora  
Tão limpida e serena!

Roubar a gente a luz  
A quem na luz vivia,  
Curvar o livre, um dia  
Ao peso d'uma cruz,

É triste, mas eu vi  
Teu rosto enfeitado,  
Formoso... e apaixonado  
Deveras me senti!

E a culpa quem a teve?  
Foi quem te fez formosa!  
Foi Deus, palida rosa!  
Foi Deus, pomba de neve!

Mas punge-te no seio  
O espinho mais agudo!  
Eu adivinho tudo,  
Eu hoje tudo leio,

Nas faces quando coras  
Nos seios quando tremes,  
Nos labios quando gemes,  
Nos olhos quando choras.

A. DE MACEDO.

Recebemos o primeiro volume do interessante romance de Ponson du Terrail

### A Fada d'Auteuil

Aprimorada e elegante traducção de Pinheiro Chagas.

Este romance foi publicado pela *Bibliotheca do Viajante*; porem o sr. M. Pinto Monteiro, tendo já distribuido prospectos de uma nova bibliotheca, intitulada *Bibliotheca dos romances escolhidos*, contractou com o editor da *Bibliotheca do Viajante* o ceder-lhe alguns exemplares da obra, que tem em publicação, para, d'este modo, não demorar mais tempo os cavalheiros seus assignantes, até grangear um maior numero de assignaturas.

Os nomes do auctor e traductor da *Fada d'Auteuil* dispensa-nos de todo o elogio. Diremos só que, por uma insignificante quantia, qualquer poderá assistir, em pouco mais de um quarto de hora, ao desenlace de um d'esses dramas com que Ponson du Terrail sabe prender a attenção do leitor, logo nos primeiros capitulos das suas obras.

Aconselhamos aos admiradores da imaginação fecunda do finado romancista, e dos dotes litterarios de Pinheiro Chagas, a excellente traducção da *Fada d'Auteuil*.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Toda a correspondencia, relativa á *Bibliotheca dos romances escolhidos*, deve ser dirigida a M. Pinto Monteiro, na rua da Penha de França, n.º 62 — Lisboa.

### ERRATA IMPORTANTE

No penultimo verso da poesia *Adeus*, publicada no primeiro numero do *Peregrino*, pela sr.ª D. Amelia Janny, em vez de

„Uma para mim, em seu seio.

Deve ler-se:

„Uma por mim, em teu seio.“

Mais alguns erros se notam no primeiro numero d'este jornal; taes como, um *comeces* por *comesses* e outros tão insignificantes, que facilmente nos dispensam uma errata.

### EXPEDIENTE

Aos srs. assignantes, em debito, pede-se o obsequio de satisfazerem o importe das suas assignaturas.

### Preços da assignatura

Por anno . . . . .	1\$560	Por trimestre . . . . .	\$390
Por semestre . . . . .	\$780	Por mez . . . . .	\$130

Não tendo estampilha, desconta-se o respectivo importe.

Os srs. assignantes, de fóra de Coimbra, deverão dirigir-se directamente a A. Bettencourt — Rua dos Anjos, n.º 30 — Coimbra.



Director: ANTONIO BETTENCOURT RODRIGUES

# O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

---

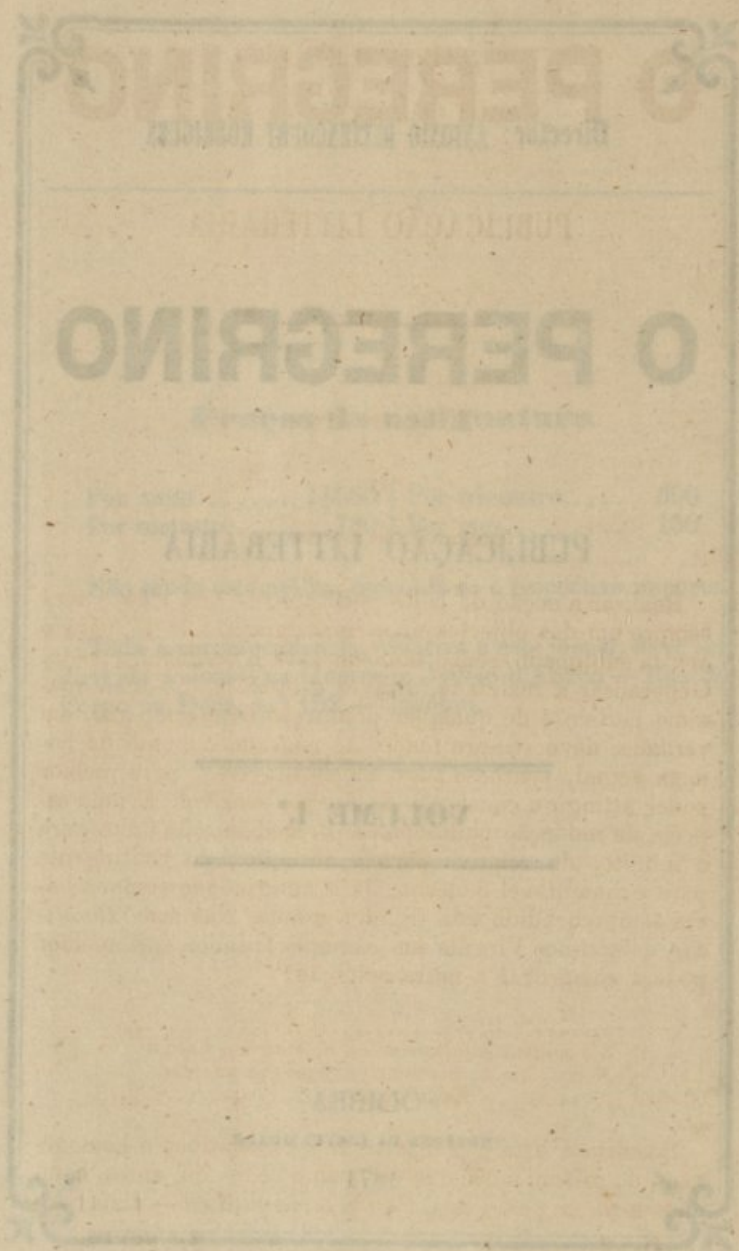
VOLUME 1.º

---

COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1871



O PEREGRINO

REVISTA DE HISTORIA E GEOGRAFIA

TOMO IV

O PEREGRINO

REVISTA DE HISTORIA E GEOGRAFIA

PEREGRINO

VOLUME I

1911

REVISTA DE HISTORIA E GEOGRAFIA

1911

# O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

---

**Edgar Poe**

II

(CONSIDERAÇÕES LITTERARIAS)

Realisar a noção do bello praticamente tem sido e será sempre um dos objectos mais importantes, não só para o artista sublimado, senão tambem para o verdadeiro poeta. Generalisar a realidade, atravez o idealismo: — eis a maxima perfeição de qualquer producção litteraria, que, em verdade, deve sempre tender ao engrandecimento do homem actual, synthese suprema do universo, para melhor poder attingir a concepção do *Kosmos* sensivel. É uma especie de inducção philosophica. Procedemos do finito para o infinito, do relativo para o absoluto; do contingente para o immutavel e eterno. Já a antiguidade romana havia comprehendido esta grande verdade. Nas suas *Bucolicas*, deixou-nos Virgilio um exemplo frisante, que melhor poderá comprovar a nossa asserção:

.....  
*Sic canibus catulos similes, sic matribus haedos*  
*Noram, sic parvis componere magna solebam.*  
.....

Sciencia e arte são dois termos correlativos e homogeneos, do mesmo modo que verdade e bello; ou, antes, completam-se um pelo outro. *Verum est id quòd est* — dizia San-

cto Agostinho. Só a verdade é real. *Rien n'est beau que le vrai* — disse Boileau. Só a verdade é bella. D'este modo, o bello pode tomar-se, como accessorio do verdadeiro, mas nunca identificar-se com elle. *Le beau serviteur du vrai*: Esta sublime inspiração, não foi só um profundo axioma para Victor Hugo, como foi tambem a divisa da eschola romantica instaurada, em Portugal, pelo visconde d'Almeida Garrett, em 1825, e o mote para todas as bandeiras poeticas, que ainda hoje campêam incolumes, por entre as lagrimas e abrolhos d'este mundo civilizador e progressista.

No estudo da natureza individual e moral do homem pode elle revelar-se-nos debaixo de dois modos diversos, já, atravez as bellezas e pompas do universo; já, atravez a sua intelligencia e imaginação, sufficientemente cultivadas e desenvolvidas. Daqui os dois elementos caracteristicos em toda a obra d'arte: — o objectivo e o subjectivo; o externo e o interno; o Eu e o não-Eu. A actividade psychica pode e deve realizar-se, até certo ponto, por uma justa harmonia entre estes dois elementos, de tal sorte, que os raios dispersos d'estas duas entidades se venham reflectir no romance social, como em seu fóco.

Alem da imitação servil da natureza, ha um ideal, um *desideratum* a que miram incessantemente os genios mais privilegiados d'este mundo. Esse mal-estar do espirito humano; esse aspirar de continuo para as regiões do absoluto e do infinito constitue uma grandeza typica, propria d'uma potencia activa, onde reside o bello, em toda a sua plenitude. Pelo menos, é esta a significação, que parece deduzir-se dos philosophos allemães que mais cultivaram os principios da esthetica, e particularmente *Bun-gaten*, seu principal fundador em 1750.

A arte manifesta-se nos objectos materiaes, ou, por outra, é o *homem juncto ás cousas*, — como dizia Bacon.

«Por ella, e nella fixam-se as civilizações, recebem-se, retratam-se, comprehendem-se.

«É a physionomia da alma social, — *vultus animi*.

«A arte é a realisação sensível do ideal.»

<sup>1</sup> Luciano Cordeiro, *Livro de Critica*.

No parecer de Victor Hugo a arte é uma segunda natureza, por isso que ella deve ser, pelo menos, tão natural, como a propria natureza<sup>1</sup>.

E é tambem, segundo este principio, que nós, ainda hoje, nos extasiamos, perante Homero, o gigante da antiguidade litteraria, como astro brilhante, em redor do qual gyram alternadamente diversos planetas. Ao influxo d'aquella luz salutar e divina, d'aquella maravilhosa irradiação, — Virgilio compoz a *Eneida*; Lucano a *Pharsalia*; Tasso a *Jerusalem Libertada*; Ariosto o *Rolando*; Milton o *Paraizo Perdido*; Camões os *Lusiadas*; Klopstock a *Messiada*; Voltaire a *Henriada*.

Ainda ha, porem, certas circumstancias exteriores que podem concorrer poderosamente, para o progredimento ou retrocesso de qualquer litteratura. Entre outras citaremos as influencias climatericas, hoje geralmente admittidas, depois que Montesquieu se empenhou nesta audaz tarefa, com tanto ardor e proficiencia, fazendo-nos ver evidentemente que as diversas *raças* não eram mais do que acclimações successivas da humanidade, nas suas migrações indo-europêas.

E, com effeito, remontando aos tempos mais remotos da antiguidade, facilmente acceitaremos este juizo, como principio incontroverso.

«A Grecia descobriu á vida o sentimento do *Bello*. Depois dos Gregos os Romanos; uma nova paragem produz um novo estado moral; Roma era a *patria das leis*, como diziam os antigos juriconsultos; nenhum povo levou mais longe a noção do sentimento do *Justo*. Mais alguns graús para o oeste, e os celtas sentem-se aventureiros, sonhadores, de uma brandura feminina, vivem das grandes legendas; o Gaulez realiza a idéa da confraternidade, e funda a sua theogonia na idéa da immortalidade. O Germano, tendo de lutar mais com a natureza que o cerca, sente-se dotado de uma tèmpera mais robusta; a aspreza do norte e as invasões fazem da *independencia individual* a base do seu caracter. Os sentimentos da grande alma in-

<sup>1</sup> William Shakespeare.

diana apparecem alli, como as qualidades physicas e moraes de um avô se vão reproduzir no quarto ou quinto neto.

«A natureza accumulára no Germano os restos da vida oriental que se dispersara na diffusão das raças; quando os povos do Meio-dia estavam exhaustos, incapazes de produzir mais, as invasões germanicas vieram insuflar um novo vigor, o seu atavismo, uma seiva pura de vida<sup>1</sup>.»

Modernamente, a Allemanha tornou-se o fóco de toda a actividade intellectual, na Europa, assim como o Egypto o havia sido em relação ao Oriente. O predomínio da raça germanica hoje é uma verdade incontestavel. Politicamente, a França cahiu, e já agora difficil lhe será reconquistar a antiga primazia. Pelo lado litterario, o seu brilho já ha muito se havia eclipsado, nas trévas d'um desditoso porvir; por isso que, digamol-o com afouteza, — a litteratura franceza não é mais do que um pallido reflexo da litteratura allemã, assim como a portugueza é uma sombra da franceza. No entretanto, a França, ainda ha pouco, podia orgulhar-se de ter gerado em seu seio tão dgnos ascendentes das suas idéas, como o eram, sem duvida, Victor Hugo e Lamartine; em quanto que este coitado do nosso pobre Portugal de ha muito tem revelado a sua impotencia litteraria, traduzindo as obras de Ponson du Terrail e d'outros quejandos. Note-se, porem, que isto já não é só dos nossos dias. Desde o puro *provençalismo* até á desenxabida poesia *arcadica*, tem sido manifestamente abusiva e perniciosa a preponderancia da litteratura extranha sobre a nossa, já de si tacanha e trivial.

A poesia ingleza, pelos sentimentos energicos, que a distinguem, e pelo vigor de esthesia, que a caracteriza, merece-nos mais alguma consideração, innegavelmente. Na sua espontaneidade apresenta-se-nos ella revestida de fórmas diversas, alternadamente, segundo a trilogia satanica, que representa: — o *Mal*, a *Duvida*, o *Desespero*<sup>2</sup>. Um exemplo da *Duvida* encontramos nós em Shakespeare: — *To be or not to be that is the question*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Theophilo Braga, *Historia da Litteratura Portugueza*.

<sup>2</sup> Michelet, *Introd. à l'Hist. Universel*.

<sup>3</sup> Hamlet.

No *Paraiso Perdido* Milton leva o seu idealismo até á completa divinisação de Satan, exaltando a quêda, debaixo d'uma formula surpreendente: — *Evil be then my good*<sup>1</sup>

«Byron completa a trilogia satanica; saxonio puro vê-se entre os *gentlemens* de character normando que o repellem; elle é *Don Juan*, que desmascara a sociedade que o amaldiçôa, é o vagabundo *Childe Harold*, errante pelo mundo, não achando descanço, nem consolação, nem esperança. A sua morte é a de um desesperado.»

Edgar Poe, participa naturalmente da litteratura ingleza, como mesmo não podia deixar de ser, e por isso tambem as suas producções sahiram a lume, repassadas d'uma originalidade inexcedivel, e, alem de tudo, de subido merito artistico, segundo a analyse que, a respeito das suas obras, procuraremos fazer no capitulo seguinte.

(*Continúa*).

MAGALHÃES LIMA.

## Adeus<sup>1</sup>

(No album d'um quintanista)

Adeus! que a vida te seja  
Gôso sem dôr;  
Nunca o teu lar a desgraça  
Possa transpôr!

És moço e livre, o futuro  
Desponta e ri;  
Mas o melhor da existencia  
Fica-te aqui!

<sup>1</sup> Mal! sê meu bem.

<sup>2</sup> Publicamos novamente a poesia, que se segue, em consequencia de alguns erros de composição com que saiu no primeiro numero.

O hymno da juventudê  
 Quem o escudou?  
 Sons que jámais se repetem  
 Se ella findou?

Foi da *Saudade o penedo*  
 Quem t'o ouviu;  
 Que ao Mondego, em doces carmes,  
 O repetiu;

Foi a *Lapa dos esteios*  
 Que o aprendeu;  
 E as auras foram cantal-o,  
 Depois, ao céu!

*Passado* — sempre *presente*,  
 O teu será;  
 Que a melhor quadra da vida,  
 Fica-te cá!

Mas que ao menos a saudade  
 D'este viver,  
 Uma, por mim, em teu seio  
 Faça nascer.

Coimbra.

D. AMELIA JANNY.

## M. L.

Arrastas-me na vida  
 Sem patria e sem amor...  
 Some-te, luz querida,  
 Luz de brilhante alvor!  
 Oh! deixa ir seu destino a folha solta  
 Que o tempo seccou já!  
 Com ella o vento levará d'involta  
 Viajante que passa ao rir da aurora,  
 Cedro que geme a desfolhar-se agora,  
 Que amanhã não será!

1868.

LUIZ SARREÁ.



**Salve Rainha?**

(A M...)

Oh! salve! salve, Rainha,  
Rainha da formosura!  
Tu, mãe de misericórdia,  
tu, que és a vida, a doçura,  
e a minha doce esperança,  
minha bemaventurança,  
oh! salve! tres vezes salve!  
Nas noites desabrigadas  
d'este inverno, minha linda,  
quando as montanhas geladas  
encobrem a crista ainda,  
e ainda não rompe a lua,  
eu recordo a imagem tua,  
e por ti brado e suspiro,  
desgraçado filho de Eva,  
oculto nalgum retiro  
onde o acaso me leva.  
Eia, pois, minha advogada,  
volve a mim, teus olhos bellos,  
volve-os a mim, quero vel-os  
que são a minha alegria,  
a minha noite, o meu dia,  
minha estrella d'alvorada.  
Tu que és anjo, e tens como anjo  
o teu logar, lá no céu,  
contemplas desanuviada  
a face a Jesus sem véu!  
Olha, amostra-me a Jesus,  
e dize que é bento o fructo  
deste amor que me seduz!  
Tu que és clemente e piedosa,  
tu, mais suave que a rosa,  
tu, minha virgem Maria,  
oh! minha noite! oh! meu dia!

quando pensares nos céus,  
roga sempre fervorosa  
pela minha alma chorosa  
á santa mãe do meu Deus!

Lagos.

EUGENIO DE CASTILHO.

## Horas de agonia

(CONTINUAÇÃO)

### VII

Mulher, que tem filhos, é de certo muito feliz. Arvore fructifera, chovem-lhe do céu orvalhos e bençãos.

Mulher esteril, como figueira sem figos nem folhas á qual allude o Evangelho, não tem prestimo. Destinou-a Deus ás chammas e ao inferno!

Jubilo incomparavel é o d'uma mãe! Que alegrias contêm aquelle olhar, nadando em effluvios de amor?!

Labios entreabertos aos sorrisos e aos beijos expandem-se em caricias e doçuras ineffaveis.

Daquelle seio immenso extua-lhe vulcão ardente; paixão, que não queima, nem consome; affecto placido, como lago dormente; luz que aviventa; alma creadora; genesis universal... finalmente tudo!

É o amor de mãe!

A ventura mora naquelle paraíso, pois habita alli a innocencia e a virtude.

Olhemos para esse eden. Habitação modesta e de simples architectura, não pendem do tecto dos aposentos nem lustres de ouro e crystal, nem lhe amollecem o pavimento tapeçarias e alfaias. Faltam salões e galerias, não brilham pedras preciosas a emmoldurar quadros de Rubens. Não tem aleas e ruas espaçosas o jardim; não ha lá parkes, nem lagôas onde nadam peixes repintados, nem boiam cysnes alvissimos.

Aqui a natureza realça a arte; e dá ao pequeno edificio a magnificencia d'um palacio encantado. Mão de fada

andou semeando bellezas, e com a sua varinha de condão fez surgir do seio da terra fontes, cascatas, paúes, arvores; uma eterna primavera poisou verdura, tambem eterna, nas folhas dos bosques; e deu flores de todo anno ás roseiras.

O valle, onde está situada a vivenda, é extensissimo. Cavado entre dous outeiros, collocados alli por Deus, como sentinellas para o resguardarem.

Faz-me lembrar o valle de Santarem, rico e formoso por natureza, mas sobre tudo aformoseado pela mão peregrina e estylo brilhante do auctor das *Viagens da minha terra*.

Aquella casa recorda-me a sympathica Joanninha, a menina dos rouxinoes, a ingenua criança dotada do melhor coração que eu conheço...

São francas as janellas; entra por ellas o sol a torrentes, vai diariamente a brisa em tropel refrescar e perfumar o ambiente interior.

Passa-se lá dentro scena digna de ver-se.

Para não sermos indiscretos não entremos naquelle recinto, porque não é permittido devassar o sacrario da familia.

O que pratica aquella familia? O bem.

Pois preconise-se o bem. Saibam todos os que isto lerem o que fazem e o que dizem aquelles tres personagens.

Uma mãe e duas crianças! Todos tres alegres, e não sei qual d'elles mais feliz. Innocentes e bons é que eu assevero que o são! Risos, festas e cantares não faltam nunca naquelle domicilio.

Sabem como é alegre o chilrear d'um bando de andorinhas?

Outro, e não este chronista semsabor, descreva esta scena; relate-a, quem a viu algures, ou a ouviu, bem contada e melhor dita com todos os pormenores, que prendam attentões, que enterneçam todos os corações, que sensibilisem a ponto de todos os olhos chorarem. Habil mão manuseie a penna, se é estylista; o crayon ou o lapis, se é paisagista; se é poeta cante idyllios.

Eu quebrava a penna, se não houvesse promettido o meu quadro familiar.

(*Continúa*).

D. F.

**Os olhos d'ella**

Eu tinha-a visto um dia pelo braço  
do marido, ou talvez de seu irmão,  
d'um sujeito que tinha assim um traço  
de papalvo e tambem semsaborão,  
e confesso o peccado... gostei d'ella,  
não porque fosse o que se chama bella,  
mas porque revelava um ar... um ar!  
Com meiguice um dos olhos me fitava,  
em quanto que, entretido, demorava  
o companheiro, sem p'ra cá olhar.

Disse comigo: esta mulher é fina!  
Que sério modo tem! que precaução!  
A mim deita-me um olho de ladina,  
pondo o outro de guarda ao tal ratão  
que a leva pelo braço, socegado,  
sem suspeitas do olho do meu lado,  
pensando que p'ra lá olham os dois;  
mas ella, a esposa, irmã, ou o quer que seja  
vai-me vendo, sem que elle nada veja,  
pondo os olhos assim como os dos bois.

Passado pouco tempo me disseram,  
que tudo quanto vira engano fôra,  
pois os taes que passaram sérios eram,  
e nada se rosnava da senhora.  
Aquelle modo fino, e tão humano...  
aquelle seu olhar... geito magano...  
oh! fôra tudo uma illusão fatal:  
a mulher via só o seu marido,  
e aquelle olho de cá, enternecido...  
tinha vindo de França... era crystal!

Porto.

AGOSTINHO ALBANO.

**Esperança**

A...

Longe de ti, anjo lindo,  
como eu vou passando a vida,  
qual a setta despedida,  
que não sabe onde irá dar.  
Julgo ver a tua imagem,  
ter-te a mim juncto — loucura!  
e dos sonhos de ventura  
é tão triste o despertar!

Eu tenho soffrido tanto,  
distante d'esses logares  
a que um só dos teus olhares  
parece dar brilho e luz,  
que não sei como resisto  
á saudade que devora  
o meu peito... mas agora  
uma idea me seduz;

Deus é pae: da luz divina  
ha de um raio descer do empyreo,  
que me livre do martyrio  
de viver longe de ti;  
e então seremos felizes,  
as nossas almas unidas,  
'numa vida duas vidas  
só hão de existir alli.

Junho de 1871.

SILVA RAMOS.

**Recordação**

Eu vi-te a face angelica e mimosa  
Que, a susto, a loira trança te afagava;  
Teus olhos onde um casto amor brilhava,  
Emanação dos céos, celeste rosa.

Teus labios docemente se moviam,  
 Teus labios onde eu vejo um paraiso,  
 Se ás vezes se entreabrem 'num sorriso,  
 Em que novos encantos se encobriam.

Talvez que d'esses labios transbordasse  
 A harmonia de prece fervorosa!  
 Talvez que viva chamma esplendorosa  
 Teu seio perfumado illuminasse!...

.....  
 .....

Não sei o que sonhavas, minha bella,  
 Mas eu, que adoro tudo o que é celeste,  
 Me curvo ante esse olhar que te reveste  
 De virginal candura, minha estrella!

Junho de 1871.

A. B. RODRIGUES.

## EXPEDIENTE

Pedimos desculpa aos nossos assignantes pela demora na publicação d'este numero. Findos que sejam os nossos trabalhos academicos, continuaremos a publicar este jornal com a regularidade devida. Entretanto, os srs. assignantes irão recebendo os numeros, que sairem, segundo a importancia das suas assignaturas, de modo que não soffrerão perda de qualidade alguma. No caso contrario, pedimos que assim nos participem, para que se dêem as necessarias providencias.

Começamos, hoje, a dar um novo formato ao *Peregrino*, porque o julgamos mais apropriado a publicações d'este genero.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

# O PEREGRINO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

For sale by the University of Chicago Press  
For sale by the University of Chicago Press

PUBLICADO EN CHICAGO

The text of this page is extremely faint and illegible. It appears to contain several lines of descriptive text or a preface, but the characters are too light to transcribe accurately.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

The text in this section is also very faint and illegible. It likely contains the main body of the work or a detailed preface, but the characters are too light to read.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

### Preços da assignatura

Por anno.....	1\$560	Por trimestre.....	390
Por semestre....	780	Por mez.....	130

Não tendo estampilha, desconta-se o respectivo importe.

Toda a correspondencia, relativa a este jornal, deve ser dirigida ao director do *Peregrino* — Rua dos Anjos, n.º 30 — Coimbra.



Director: ANTONIO BETTENCOURT RODRIGUES

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

# O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

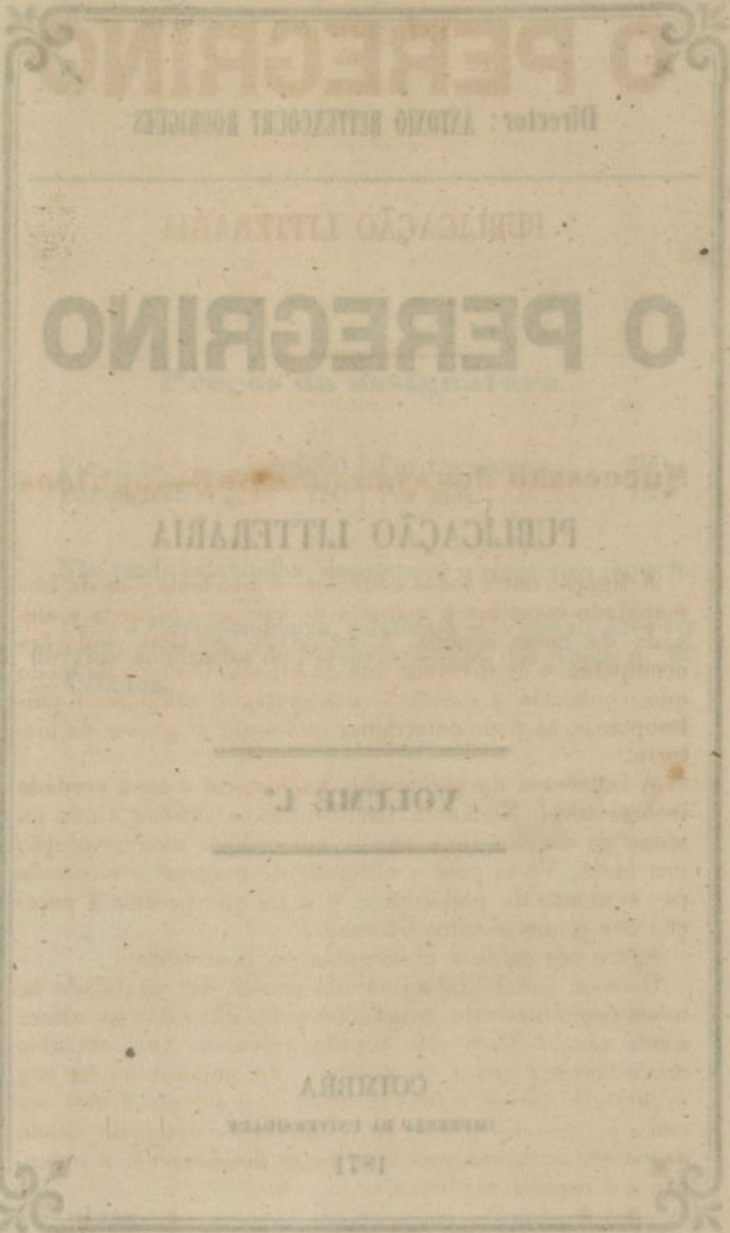
---

VOLUME 1.º

---

COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1871



Director: ANTONIO BETTEGGERI BORGES

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

# O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

VOLUME I

COIMBRA

IMPRIMARIA DE COIMBRA

1871

# O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

---

## Successão dos systemas philosophicos

A ligação entre todos os factos, e manifestações da humanidade constitue a maneira de ver mais saliente e elevada da nossa epocha. A sociedade nas suas evoluções acompanha o desinvolvimento do espirito humano de modo que, conhecida a successão dos systemas religiosos e philosophicos, se pode determinar quaes são as phases da historia.

A influencia da philosophia na historia é uma verdade incontestavel. Nenhuma modificação se operou ainda na scena do mundo, que não a antecedesse uma revolução nas idéas. Vê-se pois a utilidade de mostrar a successão dos systemas de philosophia, e a lei que preside á geração dos conhecimentos humanos.

Entre nós cahiu a philosophia em descredito.

Convem rehabilital-a; só ella poderá dar vitalidade ao nosso genio litterario, cujas concepções não estão na altura d'este seculo. Com este intuito julgamos que, expondo succintamente todos os systemas de philosophia na sua evolução historica, e seus resultados em relação á vida social e politica dos povos, provocariamos o desejo do estudo das sciencias abstractas, que tanto desinvolvem a invenção e o espirito especulativo.

N.º 4

1.ª serie.

## Philosophia oriental

O Oriente é o berço da humanidade: todos os systemas, todas as religiões lá nasceram; a India, China e a Persia marcam tres phases da mesma tendencia intellectual; mas se a India exprime particularmente a unidade confusa da religião e da philosophia, da intelligencia e da substancia, de Deus e do universo, a união mystica e originaria entre todas as coisas, se, em geral, o pantheismo caracteriza o modo de ser das sociedades primitivas, apesar d'isso todos os systemas se acham em germen nas immensas e poeticas cosmogonias do Oriente. Difficeis são as classificações das doutrinas philosophicas. Mas, senão attendermos senão aos caracteres geraes e mais pronunciados, podemos dizer que a India foi especulativa, idealista, pantheistica; a China racionalista e practica, concebendo uma unidade externa e formal; a Persia dualista eclectica, e a primeira em crear uma doutrina do progresso.

Todos os systemas indianos pertencem a tres escholas: Mimansa, Sankhya, e Nyaya.

A 1.<sup>a</sup> ortodoxa funda-se nos Vedas, os livros sagrados da India. Brahma é o principio unico e a causa de todas as coisas, a substancia universal, infinita, indeterminada, que se manifesta nos espiritos, e nos seres, a alma suprema, presente na acção e na vida. Os seres individuaes são phenomenos, accidentes da sustancia absoluta.

Só Brahma existe: é nelle que vão reunir-se todas as almas particulares, depois de terem, em castigo dos seus crimes, percorrido um numero maior ou menor de transmigrações através dos seres inferiores.

A sciencia de Brahma é tambem a unica: a verdade é toda revelada. A individualidade só existe como emanação do ser divino, cuja evolução produz as diversas gerarchias e classes dos seres. A doutrina de Vedanta é um dogmatismo idealista e pantheistico.

A eschola Sankhya funda-se na razão individual como verdadeira interprete dos dogmas. A verdade é ainda de

origem divina, mas entre ella e o homem não medeia a auctoridade: é o lutheranismo da India.

A alma humana possui tres qualidades, a bondade, cuja característica é a sciencia, a paixão ou o odio, e a obscuridade ou a ignorancia. Estas qualidades são tambem as primordiales de todos os seres, e constituem a trindade celeste.

A origem das ideas é a percepção sensivel, a indução que forma as generalidades, e a revelação divina.

O fim do homem é conseguir a felicidade eterna; os meios de a conseguir: os sacrificios, as austeridades, a oração e o conhecimento da alma suprema.

Esta eschola distingue a alma do corpo, mas de um modo obscuro, sem precisar as suas differenças, mas dá á razão individual uma entidade logica, um valor psychologico.

A eschola Nyaya, de Gotama, funda o systema racional e critico. Os principios das coisas são um objecto de demonstração. Eleva-se ás primeiras noções de um methodo scientifico, a uma arte do pensamento. Do *eu* passa á verdade ontologica, mas apoia-se em concepções syntheticas, como todos os systemas indianos.

O systema de Kanada, ou atomistico, que deriva d'esta eschola, estabelece seis categorias na divisão real dos objectos, a substancia, a qualidade, a acção, o commum, o particular, e a relação.

O que distingue especialmente estes dois ultimos systemas é que elles concedem á natureza uma vida real, distincta do espirito; a unidade subsiste, mas a individualidade do espirito e da natureza pronuncia-se cada vez mais; e o pantheismo dogmatico vai-se transformando em um racionalismo unitario e synthetico.

Uma philosophia, cujo fim unico é a felicidade além da vida presente, olha com indifferença para o destino do homem na terra.

Através dessa indifferença pela existencia real vemos toda a sociedade indiana, reflexo das suas ideas religiosas e philosophicas; estas explicam os seus costumes, o predominio do sacerdocio, o despotismo theocratico, a indole e todas as suas instituições moraes e politicas.

(*Continúa*).

LOURENÇO D'ALMEIDA.

## Ode

à distinctíssima poetisa D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Salve! poetisa, seductora musa,  
Genio, que aos genios mago canto inspiras,  
Desprende as azas; tua gloria, virgem,  
Fulgida brilha!

Filha do Tejo que murmura ainda  
Saudoso e grato de Camões o nome,  
Que ouviu Garrett, que a Castilho escuta  
Magicas notas;

Vota-lhe um canto da maviosa lyra;  
Que a vaga — humilde, — tuas plantas beije;  
Teu nome, os echos que o talento acorda  
Rápidos digam!

Rôla, que soltas na soidão dos campos  
Fagueiros hymnos que nossa alma prendem;  
Que á «Primavera» teu perfume emprestas,  
Dando-lhe flores;

Candida fada, que possues as chaves  
Com que decifras os segredos tristes  
Que a vida enluctam, que tua alma pura  
Timida, ignora:

Recebe o preito que meu seio offerta  
A quem nas aras de proficuas lides,  
Sagra a existencia, que as paixões mesquinhas,  
Impias esmagam!

Seja de rosas teu caminho, e louros  
Cinjas na fronte que o talento abraça;  
A fé — teu guia, teu soffrer — ventura,  
Tumulo — a gloria!

D. AMELIA JANNY.

**Foi a essa hora...**

Era de tarde... nessa hora magica  
Em que o crepusc'lo visitando a terra,  
O sol obriga a retirar-se ao longe  
Por entre os cumes d'elevada serra.

Era essa a hora... em que descança alegre  
A natureza em seu dormir poetico,  
Em que se escutam as toadas mysticas,  
Que só não movem coração que é sceptico.

Era essa a hora... na que o rei dos astros  
Á terra envia o derradeiro olhar;  
Quando a florinha mais odor exhala,  
E melhor sabe o rouxinol cantar.

Foi essa a hora, em que eu te vi serena  
N'alta collina contemplando o mar,  
E as tenues brisas que por ti passavam  
Paravam quedas p'ra te ouvir cantar.

Bem como as brisas escutei, ó virgem,  
Teu canto cheio de melancolia,  
Como o da rola solitaria e meiga,  
Carpindo triste o esvaecer do dia!

Ai! sim, donzella, bem ouvi teu canto...  
Com elle a alma desprender senti.  
Depois... captivo, formulei tremendo  
Jura perenne... consagrada a ti!

Jurei, ó virgem, pelas lindas flores,  
Que odor exhalam, de variada cor;  
Pelas estrellas que no ceu scintillam,  
Jurei guardar-te perennal amor.

Ouviste a jura... e chorando a furto,  
Largaste a lyra, mas com ella o canto,  
E consentiste que em teus braços debeis,  
Bebesse as gotas de teu doce pranto.

E como soffrego eu hauri teu pranto  
Que me deu vida, que me deu vigor  
Agora, qu'rida, terás sempre em troca  
Sanctas primicias d'um eterno amor!

Coimbra, 1871.

A. E. MACEDO ORTIGÃO.

## Cambiantes da comedia humana

(EXCERPTO D'UMAS PAGINAS INEDITAS)

*Acceita lá nesse cantinho da terra, que aformoseias com a tua presença, através do espaço que nos separa, este perfume das minhas saudades. Acolhe-m'ó benigna, e volve-m'ó em alguma d'essas manifestações de affecto, que menos deserta me tornam a alcantilada encosta da vida.*

## I

O viver é o aculeo do espirito.

A. HERCULANO.

Quem pode comprehender-te, oh mundo, onda immensa e espumante, que ora te espraia indolente como uma caricia, ora te ergues sinistra, e ameaçadora.

Hoje orvalhando flores, transformando-as em diamantes, amanhã arrastando-as no vortice, desfolhando-as, reduzindo-as ao pó do nada! .....

Grandiosa *aspiração* a d'aquellas cabecinhas loiras, luxuosa messe que ainda hontem fez brotar a natureza; alegre bando de criancinhas, chilreando como tutinegras, saltitando como andorinhas; grandiosa e infinita a vida!



Sombria e terrível *expiração*, n'aquelle cadaver hirto e decomposto, baixando á valla commum, *expiração* suprema, a morte!

E entre a vida e a morte, a infancia e a decrepitude; entre o crepusculo matutino e o crepusculo vespertino, o mundo, palco singular, onde o homem passa como transição entre a vida e a morte; umas vezes arrastando purpuras, outras involto num farrapo!

## II

Desçamos aos abysmos da miseria, vejamos que de perolas jazem submergidas no lodo!

Eia, sybaritas da terra, que olvidaes a sublimidade do decalogo, reclinando-vos em coxins de brocado, descei ao tugurio dos vossos irmãos desherdados.

A preço de um obulo, palpareis a aridez dos cimentos sociaes; e aprenderá talvez a respeitar o que despreza a insolencia do vosso ouro!.....

Oh suavissima caridade, doce poesia da alma, flor que o Christo plantou na terra, regando-a com sangue, e cuja raiz prende no céo, deixa-me aspirar os teus perfumes á beira do catre, onde alguém geme e se contorce na derradeira convulsão.

Devia ter sido bella aquella mulher, fatalmente bella, porque a belleza fez d'ella a lama que se vende!

Atiraram com a argilla para o meio da treva e negaram-lhe a luz que esclarece!

Pobre de bens materiaes e intellectuaes, deixaram-na vagamundear sósinha, confundir ao desamparo sua miseria com o ouro dos felizes!

O brilho ephemero do metal cegou-a!

Pedi ao mundo um quinhão de felicidade, e o mundo passou sem ver sequer o atomo que esmagava!

Teve fome; olhou para si, viu-se formosa como essas mulheres que, passando, lhe salpicavam as faces de lama com as rodas das carruagens, sorriu para o primeiro transunte, e nesse sorriso deixou ir as azas do anjo!..

Mais tarde o mundo que a perdera, cuspiu-lhe na frente o seu desprezo, e a desgraçada murmurava nos transe da sua agonia :

«Perdi-me! perdida  
É um martyrio esta vida,  
Como não o juíga ninguem!»

.....  
Eil-a agora moribunda, sósinha, abandonada no derradeiro marco da vida; sem a consolação de uma esperança, sem a misericórdia de um perdão, sem uma cruz para unir aos labios resequidos, medindo com terror a escuridão do passado, sondando-a á luz da eternidade, e comprehendendo na dôr do arrependimento «que imperios não compram o dia de amanhã».

Oh mundo, para que vilipendias o desgraçado que perdeste?!

Porque não aprendeste com o Mestre a perdoar á Magdalena?!...

Porque não dizes como V. Hugo :

Oh n'insultez jamais une femme qui tombe;  
Qui sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe?..

### III

O coração da mulher privilegiada é um sanctuario esplendido que se não devassa.

Vê, leitor, n'aquella sala esplendida uma mulher pallida e formosa como um sonho?

Repara; como diz J. Machado, «as mães indicam-na ás meninas como *perigosa*, admirando-se que ella se permitta, além de sorrir, amar e dançar, a audacia de pensar!» os noivos temem-na como innovadora, suspeitando-lhe poucas tendencias para *escrava*; e os tolos olham-na

por cima do hombro e dizem entre si com riso e gesto alvar — *litterata!*

As *amigas*, essas... afastam-se com desconfiança.

Essa mulher, só no seio de uma multidão avida de prazeres e preocupada com puerilidades, é escriptora.

Depoz-lhe Deus na fronte elevada o quer que é que denuncia no pensamento essa aguia soberana pairando de azas abertas.

O seu olhar tem luz e sombra, e revela uma tristeza intima!

Essa mulher soffre o martyrio dos que o mundo não comprehende. Deixa ir a sua alma n'umas paginas que são os seus sonhos!. e que o mundo recebe como se fossem apenas uns pedaços de papel!..

Mas ella caminha sobre urzes, absorvida pelas ignotas harmonias que lhe vêm de cima; caminha, e nem sequer vê os que a rodeiam; caminha devorada pela chamma intima, e só contempla os que a ferem para os involver num olhar de amor.

Offerecei a essa mulher um diadema real em troca da sua corôa de espinhos, um throno pela modesta tribuna onde falla á humanidade nos sonhos, nas crenças, nas aspirações da sua alma, e essa mulher responder-vos-ha que a um só dos espinhos da sua corôa ella quer mais que a toda a vossa opulencia!..

Perguntae a Stael, Dudevant, Cottin, Girardin, Gay, Daubié, Legrand, em França; a Harriet Martineau, Julia Kavanagh, Adelaide Procter, Elizabeth Browning, Felicia Hemans, Charlotte Bronte, em Inglaterra; em Hespanha a Avellaneda, V. Miranda, F. Navarro, J. Masanés, C. Coronado, Cecilia Boholt; á marquiza de Alorna, Vaz de Carvalho, Possollo, Janny, Cadet, Ribeiro de Sá, em Portugal; perguntae-lhes quantos martyrios, quantos espinhos lhes têm rasgado os pés no doloroso caminhar, propondo-lhes em seguida a apostasia, e renunciarem a sua fatal missão; então as cinzas das que já foram viverão para protestar, e as fronte das que a geração actual sagra, coroadas com martyrios, erguer-se-hão resplandecentes para vos dizerem á face do mundo, *nunca!*

A mulher superior é assim ; morre abraçada á sua cruz.  
 Prefere o calvario, onde o espirito se levanta absorto  
 no extasis do bello, ás pompas da terra limitadas e sem  
 grandeza ! .....

Para que é disputarem-te a harpa da poesia, mulher,  
 arrancarem-te das mãos a penna que molhas tantas vezes  
 no sangue do grande coração de mãe, de filha e de es-  
 posa que Deos poz na terra para allumiar e aquecer,  
 como poz o sol, o astro do dia, no céo?...

(Continúa.)

Lisboa, 1869.

D. GUIOMAR TORRESÃO.

## Perfida

a A. Bettencourt Rodrigues

Vi-a uma noite ao luar : sósinha e triste  
 Ella cantava, olhando a noite mansa.  
 Cahiam-lhe no seio caprichosas  
 As mil desenvolturas d'uma trança.

E cantava ; talvez murmurios tristes,  
 Suaves melodias de amor sancto.  
 Sobre a pallida face lhe desciam  
 Uma por uma as bagas do seu pranto.

Ella cantava ; a voz sonora e meiga  
 Meu nome soluçou á branda aragem,  
 Como um beijo, porém, que a brisa leva  
 O echo repetiu-lh'o da voragem.

Mas em breve expirou aquelle canto,  
 Ephemero como um sonho de criança :  
 Tinha-me visto, e a fronte delicada  
 Escondera-se por entre a fina trança.

E pela minha mão inquieta e tremula  
 A sua mão roçou de jaspe fino ...  
 Julguei ver n'esse aperto o testemunho,  
 A muda confissão de amor divino.

Uma noite tambem no ardor da walsa,  
 Segredando-me baixo o amor ardente,  
 Que sentia por mim : córou de leve  
 E minha mão estreitou suavemente.

Mais tarde, porém, nos braços d'outrem  
 A vi no doce enlace soluçando,  
 Ousei-lhe perguntar ... louca lembrança,  
 Olhou-me só, e foi continuando !!

Coimbra, 10 de março de 1871.

GARCIA REDONDO.

---

### Versos a Laura

Es como a rosa banhada  
 Dos orvalhos da manhã,  
 Fresca, altiva, inebriante,  
 Formosa, meiga, louçã...

Como a rosa tens aromas,  
 Tens a candura, que attrahe,  
 Mas tens mais, tens dentro n'alma,  
 A luz que nunca se esváe!

A luz do genio, o talento,  
 Que nos endouda e seduz,  
 Que aos mundos d'eterna gloria  
 Nos arrasta e nos conduz!

É bem grande o teu futuro,  
 Tem bellezas perennaes,  
 Laura! Amor! teu grande genio  
 Não podem cantar mortaes!...

MAGALHÃES LIMA.

## Cego

a Luiz Sarrea

Cruzam milhões de sóes  
O azul do ethereo espaço,  
Mas eu não vejo um traço  
De tão divina luz;

Nas trevas em que habito  
Não posso olhar os céos,  
Não posso vêr-te, ó Deos,  
Não vejo a tua cruz!...

E morto eu passo a vida,  
Sem esp'rança ameigadora,  
Em noite assustadora  
A que eu não acho fim.

Senhor! abre-me a campa;  
Oh, finde este martyrio,  
Que á sombra de algum lyrio  
Terei descanso, alfim.

Coimbra, 1871.

A. B. RODRIGUES.

## EXPEDIENTE

Attendendo aos muitos pedidos, que lhe tem sido feitos, a direcção d'este jornal resolveu reimprimir os dois primeiros numeros do *Peregrino*, no formato em que ultimamente se tem publicado, offerecendo-os a todos os cavalheiros que assignaram este jornal por um anno, a fim de que mais facilmente os possam colleccionar com os numeros, que forem sahindo a lume.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE.

REVISTA DE ECONOMIA POLITICA  
E SOCIOLOGIA

For 1900 . . . . . 1500  
For 1901 . . . . . 1500  
For 1902 . . . . . 1500  
For 1903 . . . . . 1500  
For 1904 . . . . . 1500  
For 1905 . . . . . 1500  
For 1906 . . . . . 1500  
For 1907 . . . . . 1500  
For 1908 . . . . . 1500  
For 1909 . . . . . 1500  
For 1910 . . . . . 1500

Para subscrições anuais, dirigidas ao Sr. Editor, Caixa Postal 100, Rio de Janeiro, Brasil.

Para subscrições de menor duração, dirigidas ao Sr. Editor, Caixa Postal 100, Rio de Janeiro, Brasil.

Para publicidade, dirigidas ao Sr. Editor, Caixa Postal 100, Rio de Janeiro, Brasil.

### Preços da assignatura

Por anno.....	1\$560	Por trimestre.....	390
Por semestre....	780	Avulso.....	65

Não tendo estampilha, desconta-se o respectivo importe.

Toda a correspondencia, relativa a este jornal, deve ser dirigida ao director do *Peregrino* — Rua dos Anjos, n.º 30 — Coimbra.



Director: ANTONIO BETTENCOURT RODRIGUES

# O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

---

VOLUME 1.<sup>o</sup>

---

COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1871

O PEREGRINO

TRADUZIONE DI GIULIO BIANCHI

ROMA - 1887

O PEREGRINO

TRADUZIONE DI GIULIO BIANCHI

VOLUME I

1887

# O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

---

## A Humanidade

(FRAGMENTO DE UM LIVRO)

Qual foi a origem de tudo o que vêmos em roda de nós? Onde é que primeiramente o homem ergueu suas tendas, e a humanidade fundeu raizes? o que foram os primeiros homens? gigantes, como quer Homero? Nascidos das pedras, como nos contam as fabulas gregas de Deucalião e Pyrrha? Nascidos dos sulcos do solo e dos troncos das arvores, como pretende Virgilio? Das rãs do Epicuro, das cigarras de Hobbes, dos homens simples e estupidos, de que nos falla Grocio e Puffendorff, atirados ao mundo, sem cuidadô e ajuda de Deus? Descenderá a humanidade d'isto tudo conjunctamente? ou teremos para a comprehender de recorrermos á poetica e risonha lenda da nossa crença, quando Deus formou o homem á sua imagem e similhaça, e lhe infundiu no corpo um sopro divino, e a seu lado poz a mulher, tirada da parte esquerda do coração, como para mostrar-lhe que tinha de ser na terra o cofre dos mais bellos e puros sentimentos; para o fazer consolar, e matar-lhe o fastio naquellas eternas noites orientaes dos primeiros dias da criação, em que as paixões mûndanas não tinham despertado ainda, e a terra era despovoada e erma, o homem triste e punha medo?

Faltam-nos a maior parte dos monumentos; não é facil hoje resolver a questão. A humanidade esconde-nos as suas origens, ou nos véos do mysterio, que não é possivel hoje revelar, ou na falta absoluta de dados positivos. Os livros

sagrados, que guardaram cuidadosamente sobre o sello de sete chaves este mundo, que contemplamos, admirados, a distancia de milhares de seculos, não são muitos d'elles já o attestado fiel dos seus principios, porque pela maior parte foram compostos em epochas muito posteriores aos factos que nos revelam, e não podia a tradição deixar de de ser obliterada, sendo tão grandes e profundas as revoluções do globo, quer no sentido physico, quer mesmo no moral; outras emfim não as comprehendemos, porque nos falta criterio, e só o silencio é que falla nesta quasi absoluta mudez da historia.

E todavia é necessario partir d'uma noção qualquer. O mundo e o homem existem, são factos de que não é licito duvidar. Faltam-nos as provas materiaes e historicas da sua formação, é verdade; mas nem por isto descreiamos. Redobremos até de esforços para ver se é possivel encontrar-as. A duvida é despedaçadora; viremos de rumo a ver se encontramos do mundo os vestigios, fallecem-nos as provas materiaes; sigamos por outro caminho para ver se deparamos com as provas moraes.

Nem só o que se apalpa com os dedos e se enxerga com a vista é irrefragavel e sem replica. O homem crê tanto nas affeições do coração e do amor, como na realidade do pão que o sustenta, ou de qualquer objecto que comprime entre os dedos. Deus, a pura idea, não pode ter corpo, e falla d'uma maneira indubitavel ao nosso espirito. As provas são de muitas especies: logicas, historicas, metaphysicas e moraes, são os fundamentos de toda a certeza, e as ordens de factos que existem no mundo. Se umas não provam, venham as outras. Se a historia é muda e nada nos diz, venha a moral, venha a metaphysica; talvez não seja assim.

Existe effeito sem causa?

Vejamos. Descer ás origens da criação não é possivel; marcar-lhe o primitivo desinvolvimento ainda o é menos; mas encaremos a questão por outra face: vejamos se é possivel considerar o mundo sem origem. Não digamos, porque não sabemos explical-o, que o mundo não teve auctor e é obra de acaso.

O acaso! o que é o acaso? O acaso é o nada; o acaso é o nada ou a ignorancia das leis naturaes, o que é o mesmo, para o nosso caso; e quando os philosophos suppõem que seja alguma coisa, suppõem já o que negam, um auctor ao mundo. Não querem reconhecer a Deus como uma força constante, infinita e sabia, com poder para dirigir esta sublime harmonia que se chama o universo, e vão attribuir esta faculdade a uma força cega, que a intelligencia repelle! Forte contradicção humana, sophistas! Ou vós reconheceis no homem uma força intelligente e infinita, capaz de abraçar todo o universo, e nesse caso o vosso Deus, o vosso auctor do mundo é o mesmo que o nosso; ou não vêdes tal força, e, então, o que aconteceu podia deixar de acontecer, ou ser uma obra de momento, e nós só temos a apresentar-vos a duração das leis naturaes, a sua permanencia e estabilidade no mundo.

Dizei-nos: seria possivel que um tal milagre do acaso fizesse sempre e por toda a parte os homens eguaes, adorando todos a um só Deus, formando por toda a parte familia, tributando honras divinas aos mortos? Dizei-nos — se o acaso creasse, ha seis mil annos, este globo que habitamos, se o creasse sem força para o fazer mover, sem intelligencia para o governar, não teria neste extensissimo periodo occasião de o aniquilar com a mesma facilidade com que o creou?

Ou isto era muito possivel, e já devia ter succedido; ou então o acaso, que elevaes á altura d'um Deus, é mais incomprehensivel que o proprio Deus, que não quereis reconhecer.

Isto não quer dizer que o homem apparece no mundo completamente formado pelas mãos de Deus, molhadas no barro de que fallam as escripturas, e d'ahi o transplantassem para um paraiso de delicias, sem peccado e no estado de anjo. Não. A natureza não galga por sobre os abysmos.

Todas as origens são rudimentares. Nisto não se rebaixa o homem, é até a sua maior grandeza; a sua suprema virtude está em do nada elevar-se ao infinito, e não da suprema felicidade descer as abysmo da miseria. Deus

fica tambem justificado, dando ao homem a razão, a unica faculdade que prende a perfectibilidade.

Todos os progressos da humanidade se ligam uns aos outros. Nunca o germen de novos desinvolvimentos sociaes poderia fructificar, senão fosse de antemão preparado o terreno para os aperfeiçoamentos ulteriores. É assim que a civilização moderna, nascida do christianismo, não pôde fundar-se senão sobre a larga base que lhe offerecia a antiguidade classica; é assim que os gregos, e mais modernamente os romanos, foram por sua vez beber numa civilização anterior os principios para estabelecer as suas instituições, para crear os seus modelos para a arte, a sua sciencia e a sua industria. A serie dos progressos humanos vai recuando do tempo do christianismo aos primeiros romanos e aos gregos; d'estes aos povos do oriente: os assyrios, os babilonios, os egypcios e os persas; por fim aos indios, cujas origens são as mais tenebrosas, até descer finalmente aos povos dispersos e sem nacionalidade: o simples povo, e a tribu, occupando um pequeno tracto de terreno, até á familia rude e caçadora, vivendo como as feras nas grutas e sem palavra.

ALVES DE MORAES.

---

### Queixumes

Alem, alem os encantados sonhos  
Da minha mocidade! As vagas sombras  
De tudo quanto amei tremulas passam!...

(GOMES DE AMORIM).

Contra o destino amargas queixas solto,  
Queixumes que perdidos leva o vento,  
Sem que o meu lamento,  
Embora verdadeiro e dolorido  
— Que não ha outro assim  
Do coração nascido, —  
Consiga apiedar alguém que possa,  
Ou saiba consolar-me as magoas!

Prantos que são? Aguas  
Salgadas, que deslisam neste mar  
Tempestuoso da vida,  
Aonde a naufragar  
Irei, talvez!... Meu Deus! como opprimida  
Me sinto agora aqui!  
E o mundo, que não sabe quantas dores  
Se occultam muitas vezes entrê flores,  
Alegre passa e ri!

Embora! ria, insulte o meu delirio!  
Isso que importa,  
Quando para sempre a esp'rança é morta,  
E vem este martyrio  
Aniquilar meu ser?..  
Os anilados ceus da minha infancia  
De nuvens se cobriram!... a fragrancia  
Das minhas flores acabou com ellas,  
Deixando-me saudade!  
Ai, minhas crenças! minhas crenças bellas  
Perdidas já!... E nesta soledade  
Que posso eu desejar senão morrer?...

.....  
Porque foi que tão cedo te apagaste,  
Ó sol do meu amor?  
Nem do meu triste dia o fim esperaste  
Para fugir então!... Elle fenece...  
Que o meu peito é gelado, e não o aquece  
Teu rapido fulgor!...

Porque já de meus labios se extinguiram  
Os risos infantís?...  
Porque assim tão depressa me fugiram  
Os sonhos em que eu era tão feliz?...  
Agora, ao despertar,  
Nada resta do que julgava infindo!  
Que transição! adormeci sorrindo,  
E accordo a soluçar!...

**Devaneios**

## I

Soffrer e chorar! eis a que se reduz toda a felicidade da vida, em que se resumem os momentos d'este breve dia, para poucos claro e resplendente, para muitos tenebroso e medonho!

Fugitivos os instantes em que flammeja um raio de esperança, o homem só encontra no urzeado trilho abysmos sem fundo, que o amedrontam, que o aterram, mostrando-lhe a sua nullidade sobre a terra.

Meu Deus, meu Deus! se eu vim ao mundo só para amar, porque hei de ser tão desgraçado e infeliz na escolha d'esse amor! Se vos aprouve dar-me uma alma sensível, se foi de vosso mandato que meu peito se abrisse aos sanctos effluvios do amor, que se banhasse nesse rocio sagrado, — porque não has de, oh Deus, para quem nada é impossível, desvendar-me os véos do futuro, e apontar-me, mais ou menos longe, o meu Eden, a minha terra da promessa, onde, embalado nos braços do amor, possa entoar hymnos celestes em tua honra!

E eu amo-a! amo-a como amaste tua mãe, sahindo-Te ao encontro no teu caminho de infortunio: tambem me appareceu lacrimante no meu trilho errado; vestia a alva branca das virgens, e fallou-me d'amor e de Ti!

Oh! Tu que sabes, pois creaste tão nobre sentimento, quanto essa chamma devora nosso peito; quanto esse incendio lavra intenso em nossa alma, avalias a revolução que se deu no meu ser ao apparecimento d'aquella nova aurora.

Mas após os sonhos doirados a terrivel realidade, e nem o homem, destinado para grande actor da comedia humana, pode encontrar sempre coroas virentes no seu caminho sem fim.

## II

É tarde. O murmurio da floresta começa a ser mais brando; o susurro da fonte, o canto do rouxiuol, o som



das aguas cahindo no seu declive, é tudo abafado pelo andar dos obreiros, que, recolhendo ao lar domestico, vão encontrar no sorriso da esposa e na alegria dos filhos o premio de suas fadigas.

Lá se ouve ao longe o balido das ovelhinhas, lingua-gem innocente que nos não é dado interpretar; um pastor canta ao som da *agreste avena* os amores da sua Nater-cia, e bem diz o Creador nas suas obras.

Ao longe, mais para o lado do occidente, por entre a ramagem dos olmeiros, apparece uma casinha branca com o seu campanario. É a igreja da minha aldeia. Ao pé está o cemiterio, campo da egualdade, onde tanto direito tem o pobre como o rico, o sciente como o ignorante, o nobre como o plebeu, mas onde o orgulho do homem ainda collocou distincções.

É lá, naquella sancto recinto, naquella mansão de justos, que descansam os restos de meus paes e de meus irmãos. É naquella igreja singela, mas elegante em sua singeleza, que eu recebi as aguas d'um outro Jordão!

Sim, lá toca o sino á oração; e os camponezes, como filhos obedientes ao chamado da mãe carinhosa, correm presurosos com o sorriso nos labios, onde se lê o socego que lhes vai no coração.

As nuvens condensam-se, mas a lua, qual magestosa fada, vai com sua varinha afastando os obstaculos que se oppõem ao seu apparecimento. É noite, e as palpebras, cansadas de vigilia, cahiram-me sobre os olhos, e adormeci.

.....  
 .....  
 Um phantasma, branco como a neve do Herminio, se encaminha para mim; os cabellos se me erriçam, o coração palpita anceiado, e as faces se me avermelham! «Anjo ou demonio, lhe digo, o que queres de mim?»

«Eu, diz o phantasma, sou a *Esperança*, a consoladora dos afflictos, e venho.....»

«Ah! és tu, Esperança, lhe torno eu com o sorriso nos labios: bem vinda sejas! Ha muito que me faltavas; vem, que ao menos me animes com teus raios, me vivifiques com tua seiva. Adorada imagem de Deus, só tu na terra

és o élo que prende o infeliz, quando ás vezes desvairado, não vendo alem do tumulto mais do que o *nada*, o *imcomprehensivel*, se vai precipitar no abysmo, onde seu corpo jazará inerte. É então que tu vens, Esperança, e dizendo ao homem que cabe na meta das possibilidades a pretensão do infeliz, fazes com que elle arraste mais alguns dias a pesada carga de seus trabalhos, trilhando mais alguns momentos esta senda de urzes!....

E vens tu, Esperança.....»

Porem neste instante uma mais forte viração me despertou, e encontrei-me na realidade!

(*Continúa.*)

A. SERGIO DE CASTRO.

## 1 de Agosto

Que dia, meu Deus, que dia!  
 O que me traz á lembrança!  
 Era n'um baile... na dança  
 vi-te com elle volver.  
 Quando ia findando a walsa  
 foi assentar-se ao teu lado:  
 no teu olhar enlevado,  
 par'cia tudo esquecer!

Tu em paga lhe sorriste  
 com um sorriso tão terno!  
 — para mim bocca do inferno  
 no seu atro gargalhar! —  
 Nem sei eu o que escaldava  
 meu coração n'esse instante;  
 se era a voz de um peito amante,  
 se um vulcão a chammejar.

Corri então, apressei-me...  
 mas quando me aproximava  
 senti que o corpo vergava  
 ao peso de intensa dôr:

é que tu davas-lhe um leque ;  
n'elle ia um protesto mudo,  
com elle davas-lhe tudo,  
com elle ia o teu amor.

Sahi, veloz... minhas maguas  
fui contar aos arvoredos ;  
lá ficaram meus segredos,  
que ninguem sonhou jámais !  
Um dia quiz o destino,  
ou, antes, um Deus pôr termo  
ao meu viver triste e ermo,  
aos meus repetidos ais.

Tu, aquella que eu carpira,  
vens, qual anjo de bonança,  
dar-me um sorriso d'esp'rança  
não já do inferno, do céu ;  
e reviveu, por tal modo,  
meu peito á tua voz pura,  
que, se na terra ha ventura,  
o venturoso sou eu.

1 de agosto de 1871.

SILVA RAMOS.

---

## Uma noite de primavera, em Coimbra

A \*\*\*

Que desconhecida sensação se apossa de nós, ao contemplarmos uma noite de primavera !

Como é surprehendente a lua, ao retratar-se nas aguas lisas do Mondego !

Que poesia falla ao coração, quando extaticos fitamos esse astro, que nos enleva e que tanto brilha. Visão admiravel, todos os annos se reproduz, e sempre nova, e de novos encantos sempre chêa !

Vendo no firmamento brilhar esplendorosas myriades de estrellas, sóes que outros tantos mundos allumiam, eleva-se a alma a Deus em fervorosa prece.

Mulher que, uma vez em arrobos, nos fizesse entrever felicidades do ceu, numa d'estas noites apparece-nos cingida d'uma aureola divina; é que o amor, fogo sagrado, que o poeta inspira; o amor, que brota espontaneo do coração, eleva-nos até Deus; porque o amor é a unica religião verdadeira. Christo prérgou o amor, e Christo era Deus.

Se no silencio d'uma noite assim algum mesquinho, com os olhos fitos no suicidio, erra louco e desvairado pela campina, despedindo-se de tudo que o rodeia, porque sente que n'alma já não tem uma esperança que o prenda á vida, que não ha um lampejo de amor, que o faça crer no futuro, se olha o espaço e vê o brilho da lua, que o confunde, se ouve o suave murmurio de manso regato, o leve rumorejar das folhas do salgueiro, se fresco rocio lhe humedece a fronte, e ouve ao longe o inspirado canto do rouxinol entoando um hymno de graças ao Creador, varrem-se-lhe d'alma os sinistros pensamentos, amaldiçoa o instrumento, que o reduziria ao nada, e ajoelhando balbucia contrito a palavra — *perdão*. — É que á luz da lua, numa noite de primavera e á beira do Mondego ninguem se suicida; o crime é das trevas.

E haverá alguém, que numa noite de primavera, neste nosso Mondego, não passe algumas horas, contemplando a sua mansa corrente, e se não delicie ao ouvir o compassado bater dos rémos e o cantor da primavera ao cicio dos salgueiros?

É impossivel; quem o disser insulta-te, oh divino cantor das glorias patrias:

*Vêde que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrimas são a agua e o nome amores.*

Dizem que Veneza é sumptuosa numa d'estas noites, mas eu, como amante de tudo o que é grande e bello, vejo no patrio Mondego mais encantos; alli ha extensos canaes e palacios de marmore, aqui ridentes margens e verdes

salgueiros; em Veneza a arte, em Coimbra a natureza; alli a todo o Veneziano se vê luzir traiçoeiro punhal, confundindo a sublimidade da poesia com um emblema de morte; aqui enamorado estudante divaga sosinho dedilhando nas cordas da lyra; além o crime, aqui a poesia.

Em Veneza medonhas prisões attestando ao mundo o despotismo dos *doges*, em Coimbra o templo augusto da sciencia dizendo bem alto — civilisação.

.....  
 Oh noites de primavera! Oh noites de eterno luar, vós confundis o descrente; quem ha que não veja, nas harmonias da natureza, a mão potente do Creador?

O ceu, a lua, as estrellas, que fazem senão proclamar que á voz do Eterno o mundo surgiu do chaos!

Em noites de primavera não ha descrentes, o sceptico foge aterrado, confunde-o a voz da consciencia.

Ha pouco tudo era decrepitude vegetal; os tufões do outomno e os gelidos sopros do inverno a tudo levaram a morte; agora os campos e as arvores, verdadeiras Phenix, brotam cheias de seiva.

Oh primavera, estação das flores!

Oh noites de abril, oh noites de encantos, como em visão aerea me julgo-transportado a essas regiões, em que a Jurity desprende seus plangentes cantos!

Coimbra, 1870.

JULIO GARCIA.

---

### Aquella Rita...

A R. Alves de Sousa

Era linda aquella Rita  
 Com seu vestido de chita,  
 Que lhe ficava, á *liró*;  
 Era bella, prazenteira,  
 Quando na praça, ou na feira,  
 Se penteava, á *bandó*.

Disse-lhe um dia: «Pequena,  
Mimosa como açucena,  
Porque és tu tão desgraçada?!  
Porque já na juventude,  
Como um som do alaúde,  
Vives triste, abandonada?»

Larga então a castanhola,  
(Era andaluza, hespanhola)  
E me diz, rindo e chorando:  
Fui amada e venturosa;  
Agora sou desditosa,  
Agora vivo cantando.

Nunca mais a minha mente,  
Era então inda innocente,  
Esqueceu aquella Rita:  
Vejo-a sempre *liró*,  
De penteado, á *bandó*,  
Com seu vestido de chita.

A. SERGIO DE CASTRO.

---

*Dá...*

Ou sobre as ondas do oceano irado,  
Ou no deserto de infinito ardor  
Ditosa a vida deixaria, virgem,  
Se um teu sorriso me dissesse: amor!  
Coimbra, 1870.

A. B. RODRIGUES.

---

### EXPEDIENTE

Pede-se aos srs. assignantes, em debito, o obsequio  
de satisfazerem o importe das suas assignaturas.

---

IMPRESA DA UNIVERSIDADE.

# O PEREGRINO

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

### **Preços da assignatura**

Por anno.....	1\$560		Por trimestre.....	390
Por semestre....	780		Avulso.....	65

Não tendo estampilha, desconta-se o respectivo importe.

Toda a correspondencia, relativa a este jornal, deve ser dirigida ao director do *Peregrino* — Rua dos Anjos, n.º 30 — Coimbra.





# O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

---

VOLUME 1.º

---

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1871

O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

VOLUME I

COLEÇÃO

EMPRESA DE EDITORIA

1911

# O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

---

## A humanidade

(FRAGMENTO D'UM LIVRO INEDITO)

Era pelo principio do imperio romano. A republica fôra cair moribunda e constricta aos pés dos cesares. Depois das memoraveis batalhas nos plainos de Pharsalia e de Philippos nos campos da Grecia, os ultimos restos da liberdade tinham sido dispersos para o Egypto e Hespanha. Cesar, senhor de Roma e com ella d'um immenso tracto de terreno, que se dilatava desde a parte mais occidental da Europa até á Asia menor, desde a Germania e as Gallias até á Numidia e á Mauritania, morto o seu rival Pompeu, achava-se no cumulo da gloria, preparando-se para proclamar a unidade do imperio, quando o punhal de Bruto e Cassio, os dois ultimos romanos, como alguém lhes chamou, o vem surprehender no proprio senado. Lega a herança ao seu proximo parente Augusto, que o vinga, matando estes dois tribunos e com elles a causa que defendiam.

Já não existem obstaculos para a moderna forma de governo; é proclamado o imperio.

Acabada a unidade no mundo politico e civil pelo governo d'um só na terra, impondo-se a todas as classes, a todas as livres manifestações do espirito e da liberdade; existindo d'ora em deante um só direito, o de *mandar*, uma só obrigação — *obedecer*, — tornava-se urgente no céo a mesma revolução pela descoberta d'um só culto, se é que ella não estava já de todo effectuada pelo ajuntamento e coroação de todas as divindades do paga-

nismo no Pantheon romano. Era uma unidade sem principio, sem causa efficiente, sem razão de ser; mas isso que importava? o christianismo não cairia mais tarde no mesmo defeito, creando um novo polytheismo de imagens, anjos, santos, e sobre tudo pedindo á antiguidade os seus Campos Elyseos e o seu Averno?

Um só mandante, que era o imperador de Roma, estava exigindo um só Deus, para lhe manter a auctoridade e poder dizer na terra: deve existir só um rei, porque tambem no céo existe um só Senhor, nada de mais perfeito do que regular as cousas d'este mundo pelo que se passa no outro. O paganismo, concentrado todo com as suas imagens nos templos da capital dos cesares, não era o mais favoravel para este ensejo, porque as suas divindades se combatiam umas ás outras. É neste momento que nasce Jesus, e completa a obra começada pelos imperadores.

Todos o esperavam. A humanidade estava cançada de soffrer. Os martyres, como João Baptista e os prophetas, já o tinham annuciado. Os homens gemiam debaixo da escravatura, a terra tornara-se madrasta. Todos em busca d'um raio de luz que os allumiasse, e a luz sempre a esconder-se. Os rios conduziam por entre as areias da sua corrente, em vez de agua, sangue. As mães expunham seus filhos á beira dos caminhos, e as donzellas vendiam a sua honra aos que passavam, á luz do dia, como homenagem aos deoses da sua patria. Os pampanos da Grecia, que adornavam as tranças de cabello das venus formosas, já não produziam viridentes cômas, e nem por entre os mirthos da floresta resoavam já os cálidos beijos das lindas moças, que trepidas coravam, trepidas fugiam ao serem apanhadas em delicto. Nada! nada d'isto. O mundo era melancolico, perturbado, scismador. Cada qual cuidava só de si, e carpia excessivamente as suas maguas, sem se importar com os mais. Os philosophos, na sua irrefragante sabedoria, aconselhavam que os homens não eram irmãos. Platão dizia que os sabios eram formados de ouro, os heroes e guerreiros de prata, e os operarios de ferro ou cobre; Aristoteles, que uns eram destinados a mandar, outros a obedecer, e por conseguite que a escravatura era de di-

reito natural. Que revolução immensa na sociedade antiga, corroída por esta philosophia materialista, subjugada pelo despotismo dos imperadores, explorada durante um periodo de mais de quatro mil annos por todos os tyrannos hypocritas e facciosos, quando uma voz se fizesse ánnunciar como o enviado de Deus! *veni in nomine Domini!* que revolução! que transtorno em toda a ordem social existente, que cataclysmo em tudo o que existia, se o que se dizia mandado pelo Senhor não viesse unicamente operar esta alteração radical, em proveito d'uma classe ou d'um partido, mas de todos os homens, e principalmente dos que mais soffriam e que formavam o maior numero! a reforma não sómente d'uma ou outra crença ou dogma social, mas de todas as crenças, de todas as affirmações, de todas as ideas e mais firmes convicções do espirito e da consciencia, mas a transformação completa e absoluta de todos os dogmas sobre a religião, sobre o governo e politica, desde que o mundo era mundo!

Como se não agitariam as massas populares ao ouvirem da bocca inspirada de Jesus, dos seus labios mellifluos e tão caritativos estas doces palavras: o meu reinado é o dos pobres, venho trazer a luz aos que viviam obcecados no erro; meus irmãos são todos os que me seguem, e me assento no meio dos cegos e leprosos, dos vadios e jogadores e como com elles á mesa, para os curar?

Nestas simples e humildes palavras, nestas maximas que nos parecem hoje de tão facil comprehensão e outras da mesma natureza, e tão pouco proprias para obrar um reviramento em todos os sentimentos do genero humano, estava comtudo o germen d'uma nova humanidade, porque, simples como são, eram a antithese de todas as ideas assentes em philosophia e religião desde ha muito: o amor indissolúvel, que unia todos os homens, a dissolução das classes, a sua homogeneidade; a caridade que transsuda de cada pagina do Evangelho, a elevação dos mais miseraveis párias da sociedade. A separação entre o céo e a terra, que na sua phrase se annunciava: *regnum meum non est hoc mundo*, era a distincção profunda entre o que é, e o que deve ser. A consciencia moral põe-se nesta pas-

sagem acima de tudo, e pode servir de exemplo para aquelles que pensam que só é justo e moral o que as leis positivas sancionam.

A seita de Jesus propagou-se com a rapidez d'um fogo que se ateia. Foi devido em parte á bondade da doutrina, em parte ao estado em que se achava o mundo, e á fatalidade das circumstancias. Aquelles que se insurgem contra o que elles chamam em linguagem insultadora, *demolidores, incendiarios*, etc., etc., têm muito a aprender no evangelho; e leiam-n'o, que lá depararão, entre muitas sentenças, com esta: não se envasilha o vinho novo em toneis velhos — que só por si forma todo um credo revolucionario.

ALVES DE MORAES.

### A' noite

#### A Virginia Blanc

Scismo á janella assentada  
Co'a mão na face, encostada  
Ao peitoril,  
Co'a brisa a rama estremece,  
Mais que de julho parece  
Noite d'abril.

Não sabes tu no que eu penso,  
Vendo ao longe o campo immenso  
Todo a alvejar,  
Á luz argentina e pura  
Que espalha com maga alvura  
Brando luar?

Aqui, nesta soledade,  
Penso na infinda saudade,  
Dom tão fatal!  
Ai! saudades! n'alma havel-as  
É uma desgraça, e não tel-as  
É maior mal!...

Tenho defronte, inundado,  
Da luz da lua banhado,  
    Todo o jardim;  
Nem o perfume das flores,  
Co'as auras dizendo amores,  
    Chega até mim.

Do vento ao sopro arrancadas  
As folhas, do sol crestadas,  
    Sinto cair;  
Ah! que as folhas desprendidas  
São como illusões perdidas  
    No existir!

Mas entre as plantas mimosas  
E as frescas ramas frondosas  
    Um cedro, alem,  
Ergue-se e a verde ramagem  
D'um martyrio co'a folhagem  
    Vestida tem.

As ramas e o tronco annoso  
Cobre d'um rôxo mimoso  
    Flôr de paixão,  
D'entre os verdes ligamentos,  
A custo os novos rebentos  
    Rompendo vão.

Ah! eis a imagem d'um ente  
Que no intimo d'alma sente  
    Amarga dôr;  
Essas ramagens viçosas,  
Não são grinaldas de rosas  
    Fallando amor:

São os martyrios que emblema  
De dôr e magua suprema  
    Apenas são.  
Imagem d'um desgraçado,  
Que tem o espinho cravado  
    No coração!

Eis o que eu scismo assentada,  
 Co'a mão na face, encostada  
 Ao peitoril;  
 E em quanto divaga a mente,  
 Ouço ao longe de repente  
 Canto infantil.

Na voz que o vento trazia  
 Singela canção se ouvia;  
 Puz-me a escutar:  
 Era uma endeixa entoada  
 Junto d'um berço, cantada  
 A acalentar.

«Ai dorme, dorme, innocente,  
 «Que tua irmã não te mente:  
 «Logo tens pão;  
 «A mãe da ceifa regressa,  
 «Dorme, irmãzinha, depressa;  
 «Não chores, não!»

Eis o que o viver off'rece!  
 Cantar junto ao que padece  
 Para illudir!  
 Que o riso e canções amenas  
 Vêm occultar-nos as penas  
 Do existir!

.....  
 .....

Não quero mais 'star sentada  
 Ao peitoril encostada,  
 A meditar,  
 Que *saudades, cedro e canto*  
 Fizeram-me soffrer tanto,  
 Que vou chorar!...



**Cambiantes da comedia humana**

(EXCERPTO D'UMAS PAGINAS INEDITAS)

A D. Maria do Carmo Vaz de Carvalho

(CONCLUSÃO)

## IV

Ai! tu porque soluças? porque choras?

RACINE (Athalia).

Penetremos nas sombras d'um carcere.

Ao sopé dos muros, cá fóra, rodam as carruagens, agita-se a multidão; riem, passam, consomem inutilmente a existencia milhares de ociosos, palpita a vida; lá dentro soluça a morte;

A morte moral, o estiolamento da alma, a excavação intima, como diz V. Hugo.

A sociedade na sua marcha civilisadora acabou com a pena de morte para o corpo, mas deixou a morte da alma!

Naquelles homens pallidos, separados de nós por varões de ferro, haverá muito crime, mas ha tambem muita miseria!

Qual foi o crime d'esse homem maltrapilho, com o rosto cadaverico e as barbas e os cabellos brancos, mais pelo soffrimento que pela idade, afastado do grupo dos companheiros, afagando triste e silenciosamente tres crianças que o rodeiam?...

Ha seis mezes que geme na escuridão do carcere, ha seis mezes que seus filhos comem o pão da caridade publica!...

Qual foi o seu crime?

Foi o crime de João Valjean: furtou um pão!

.....

Na vespera implorara da prisão, por intermedio da imprensa, a caridade de seus irmãos em Christo. No instante em que o nosso olhar desce sobre elle, chega-lhe uma es-

mola inesperada ; occulta-se na sombra a mão que a dá ;  
comprehendendo e seguindo o preceito do Mestre — *que a  
tua mão esquerda ignore o que a tua direita dá.*

## V

Confuso abysmo em vortice  
fallaz, horrendo, immundo,  
Sem luz mais que um crepusculo !  
É isso, é isso o mundo !

A. CASTILHO.

A multidão compacta agglomera-se á entrada do recinto  
da justiça, do solemne tribunal dos julgamentos.

Que estranha commoção agita esses grupos movediços,  
vaga impetuosa quebrando-se contra o adito d'esse templo  
augusto, onde a verdade só deve imperar, representada  
pelo magistrado austero e immaculado nos seus juizos ?  
Espera-se a conclusão d'um julgamento importante. Um  
pae reivindica alli a sua honra ultrajada.

Os anjos velam o rosto ; tracta-se de mais um anjo  
caído !...

O réo pertence á *high-life!*.....

Ouve-se um rumor confuso e solemne ; terminou a au-  
diencia. O réo, abraçado para não dizer glorificado !...  
saíu absolvido por falta de provas !!

Oh mundo !.....

## VI

Um momento d'estes, na vida da mu-  
lher, absolve-a de todos os pequenos defei-  
tos que temos por costume censurar nella.

J. DINIZ (P. do sr. Reitor.)

Vejamos o que se passa no interior d'uma elegante  
casa, na rua de\*\*\*

Deitado em leito, cuidado com esmero, dormita um ho-  
mem pallido e ainda moço.

Á cabeceira do leito inclina-se para o doente, com o

requebro meigo d'uma ternura ineffavel, uma mulher moça tambem e formosa :

— Quero que te deites, hoje, ouviste? murmurou o homem, accordando, com a expressão do amor na voz. — Ha dez noites que não dormes !

A mulher sorriu com meiguice, e, dando um beijo na frente do doente, disse um sim, que todos os dias lhe saía dos labios e todas as noites era desmentido.

Duas criancinhas, loiras e alvas como cherubins, davam uns tons de doçura encantadora á harmonia do quadro . . .

Uma d'ellas levou o jornal a sua mãe ; esta, lendo-o em voz alta ao marido, deparou com o appello do desgraçado preso. Levantou os olhos do jornal e embebeu-os no doente com indizível expressão de anciosa piedade ; depois, com voz supplicante e cariciosa, exclamou :

— Diz S. Raphael «que a esmola livra da morte, e faz ao homem alcançar misericordia e vida eterna.» Devemos cumprir o sancto preceito, não te parece, meu amigo ?

Mulher, se o teu coração está ás vezes como soterrado e occulto entre as vaidades do mundo, como a flor delicada que murcha em terreno ingrato, ao primeiro grito da dôr, menor supplica do teu irmão que padece, ergues-te, mãe e irmã das dores, e tiras do coração o balsamo que as sua-visa a todas.

D. GUIOMAR TORREZÃO.

---

## Miragens

No deserto da vida, extenso e arido  
 Eu morro á sêde ! á sêde de ventura !  
 Não descubro uma fonte de agua pura  
 Que mitigue este aneio abrazador !

Como ao filho de Agar, não vem benéfico  
 Um anjo, que, mostrando á peregrina  
 Escondida nascente crystallina,  
 A coragem lhe dê com seu frescor !

Se a vista alongo, scenas formosissimas  
 Me apparecem então ! Sinto e diviso  
 Encantos d'um sonhado paraíso,  
 E floridos jardins de enfeitiçar !

Avultando se vê no quadro esplendido  
 A figura gentil d'um ente querido,  
 Que ha tanto, ai!... que ha tanto hei já perdido,  
 Mas da alma não pude inda apagar !

Mas se vou caminhando, o quadro foge-me !  
 As trevas se aproximam!... nada vejo!...  
 Baldado anhelos, inutil meu desejo  
 De achar de novo o éden que sonhei!...

Eu buscando a ventura, e ella rapida  
 Sempre a fugir, levando-me as imagens !  
 Ai!... tudo neste mundo são miragens...  
 Miragens só, na vida eu encontrei!...

Fevereiro, 1871.

D. MARIANNA ANGELICA DE ANDRADE.

### Uma trova das provincias vascongadas

Corre por seguro que quem tem bocca vai a Roma, mas ninguem deve fiar-se em ter bocca para ir á Biscaya — porque se arrisca a não entender nada, nem ser entendido. Os proprios hespanhoes têm calefrios quando se propõem a dois dedos de conversa com um biscaynho, e ficam ás vezes em perfeito jejum de espirito com o que diz o parceiro. Imagine por isto, meu charo redactor, se é ou não uma verdadeira curiosidade a versão que tenho a honra de enviar-lhe, feita a poder de diligencias e de indagações, d'uma das mais bonitas trovas das provincias vascongadas

das por onde andei; e queira ser, bem como os seus leitores, indulgente para com a traducção.

«O alfeneiro está já a deitar flor! O céu azul estende por cima da gente as colxas bordadas de estrellas. Ó meu pastor de cabras, beija-me com os beijos da tua bocca!

Que feliz estou, sentada á sombra do meu noivo! A rôla foge para os bosques com ciumes da nossa ternura. E d'ahi, não. São as urzes que caem. É o espinheiro alvar que chora o seu pranto de flores.

A cova que tens na face é mais perfida do que os abysmos d'estes montes. Os anneis dos teus cabellos são a rede em que o meu amor se prende quando tu sorris para mim.

Achas-me a pelle trigueira. Que lhe hei de fazer! É o sol achou-me bonita, tal qual te pareci a ti; e os beijos d'elle queimaram-me.

Olha para os malmequeres a erguerem as cabecinhas para nos ver; e este azevinho que se debruça a escutar o que dizemos. Quem me déra que o meu corpo fosse o cabre dos navios e os meus braços garras d'aguia — para te ver morrer de amores!...»

JULIO CESAR MACHADO.

---

### Alvorada

Ó virgem da alvorada!  
Vem, cerra os olhos meus.  
Um dia mais do nada  
À terra envia Deus.

Vem! do meu collo em volta  
Lança os teus braços nús.  
O canto, ó virgem, solta;  
D'alem já rompe a luz.

Reina o silencio em tudo.  
Dorme em socego o mar.  
O céu é triste e mudo,  
Os campos sem luar.

No leito a fronte inclinas  
Em placido dormir ;  
E, castas, as cortinas  
Vedam-me o teu sorrir.

Talvez um sonho doce  
Agora te entretem...  
Ai! tão feliz eu fosse!  
Ai! sonhasse eu também !...

Dorme! e que a minha imagem  
Te siga o aéreo vôo ;  
E escute essa linguagem  
D'um sonho que abençoô!

Das brumas do horizonte  
Já tenue rompe a luz.  
Oh! vem, lyrío do monte,  
Colla-me os braços nús.

Em ti scismando eu vélo,  
Embalsamada flôr.  
Doira-me um sonho bello,  
Vem-me embalar de amor.

Oh! virgem da alvorada,  
Vem, cerra os olhos meus.  
Na fronte desmaiada  
Que eu sinta os labios teus !...

Maio de 1871.

LUIZ SARREA.

---

Se...

Se o espinho d'uma dôr me dilacera,  
Quando sinto a descrença em mim lavar,  
Porque não ha de a chamma de teus olhos  
Minh'alma contristada illuminar ?!

A. B. RODRIGUES.



# O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

---

VOLUME 1.º

---

COIMBRA  
IMPrensa DA UNIVERSIDADE  
1871

O PEREGRINO

O PEREGRINO

THE END OF THE WORLD

VOLUME I

COPIES



# O PEREGRINO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

---

## Folha ao vento <sup>1</sup>

«Para te amar não preciso do sacrificio dos prejuizos da tua educação. Que me importam as idéas e os sentimentos que as falsas theorias do viver e da moralidade te implantaram no espirito? Que me importam as indifferenças estudadas, as desatensões premeditadas, os olhares de industria distraídos? Que me importam todas estas coisas, filhas sómente d'esta ridicula vida social, se lá no mais recondito do teu pensamento existe uma idéa, se no mais intimo do teu coração refulge um sentimento que nenhuma d'estas coisas pode aniquilar; se eu sinto de continuo essa idéa e esse sentimento a repercutirem-se na minha alma, como a tua seductora imagem se reflecte na minha pupilla?! Deixarão acaso de existir as estrellas quando o céo tem nuvens? Bella victoria na verdade a das nuvens! — Não devo amal-o; será o premio do seu amor a minha indignação! — Formosa indignação contra o que ha de

<sup>1</sup> Guardára eu, como se guarda nos descuidosos dias da manhã da vida o botõesinho perfumado, essa folha hoje fanada da resplendente flor dos meus vinte annos. Agora, acudo á estrada que ávante percorre o *Peregrino* lançar-lhe humilde aos pés esta simples folhinha secca, na esperanza de que, ao contacto de tantas e tão viçosas plantas, ella talvez reverdeça cheia de vida e frescor, como nos dias tristes, mas tão saudosos, em que rompen á luz do dia, ainda que para logo alagada pelos prantos da aurora. A seiva dos vinte annos corre nas veias do joven *Peregrino*: prefiro estreiar-me nelle com este querido devaneio de então!

O auctor.

N.º 1

2.ª serie.

mais digno no mundo! Similhante indignação é tao possível, como o é apagar-se a luz do sol?» .....

\*  
\* \*

«Uma alma virgem de amor anda em imminente perigo de se queimar na primeira chamma. Isto succede muitas vezes: conheço almas que se queimaram. Eram rosas, lirios ou açucenas, tinham côres que seduziam os olhos, aromas que embriagavam a alma, eram cheias de graça, a brisa afagava-lhes as corollas gentis, a aurora tingia-as com seus roseos clarões. Só davam ás auras os effluvios, e o nectar ás abelhas. Um dia começaram de perder a vida brilhante que viveram as pobres das florinhas. Os aromas exhalaram-nos num só dia, as petalas desmaiou-lhes as côres tão candidas, que, ao contemplal-as, nos pareciam immorredoiras: fôra o açoute do vento estuantissimo do deserto!

Faz pena pensar que tantas graças, tantos encantos, tanta alegria já não voltam. Quando ás vezes me assaltam tão tristes pensamentos, surge-me na mente uma lembrança, de que rio, mas que ao mesmo tempo me consola. Lembro-me das alcachofras que as moças da minha terra tostam nas fogueiras de S. João, na doce esperança de, na manhã seguinte, as acharem reffloridas, signal infallivel de que lhes continuará fiel o querido amante e de que em fim lhes pertencerá um dia o bem amado de sua alma.

Ah! se os lirios e as açucenas reffloriram tambem!»

\*  
\* \*

«Ella encanta-nos irresistivelmente todas as facultades. Tem uma pallidez de face quasi transparente: lembra a candidez suavissima das rosas brancas, ou a alvura de uma estatua de marmore em noite de esplendido luar. As alvas dos olhos reflectem um branco anilado, como o céu que a noite deixa e que a aurora beija com os seus primeiros raios; a iris irradia luz celeste; a pupilla serena e

profunda parece communicar com a alma. D'este modo o seu olhar como que me transmite, ao fixar-me, um pensamento do céo. A sua fronte escampada e lisa tem a serenidade de um lago, que jámais agita a menor viração: tambem naquelle pensamento não deve haver tempestades; comtudo plainos e serras são ás vezes abalados pelas convulsões do fogo central. Quem sabe portanto que crueis agitações têm assaltado aquella alma de pomba!... O seu rosto, coberto da habitual pallidez, trahe a espaços, numa expressão de saudosa tristeza, toda a amargura de um desgosto intimo e de longa data; — outras vezes porem, quando falla, a sua physionomia brilha com toda a alegre candura do seu coração. Quando ella sorri, que graça infinita, que crueis tentações descobre a sua bocca! Dirieis o deslumbrante romper do dia no nosso céo meridional. Andando, o seu corpo esbelto tem a dulcissima ondulação da vaga que corre desmaiando voluptuosamente sobre a doirada areia da praia. Um dia contemplava-a eu interiormente, porque a sua brilhante imagem imprimiu-se para sempre no meu coração; — e julgava-a longe de mim. Voltando-me vejo-a! É porque os seus pés quasi não tocam o chão; é ligeira como uma sombra. Naquelle dia pareceu-me uma visão maravilhosa: estive quasi a cahir-lhe aos pés e a cingil-a freneticamente nos meus famintos braços, mas impediu-m'o o orgulho.

\* \* \*

«Venturas do céo! Surprehendi-a hontem em fragrante delicto de amor: vi-a beijando o meu retrato! Desconfiou que a vi; não appareceu em todo o dia; mas tive penetração para descobrir a sombra immovel da sua figura gentil, que tanto adoro, através do cortinado de mousellina da sua janella. Esteve nublado o dia, mas palpitavam-me no coração todos os esplendores da primavera; parecia-me tudo encantador, amava tudo, sentia arrebatamentos interiores de alegria que me suffocavam, andava extasiado, parecia-me que havia no céo luz de mais que eu não podia supportar. Á noite suspirou ella no seu piano

musicas tristes, o que não obstou a que fosse grande gala para o meu coração enamorado.

\*  
\* \*

Vivo estupidamente. Ella ausentou-se e levou consigo tudo quanto era a minha vida; levou-me a alegria e a alma, levou-me o paraizo. De que me servem agora as flores mimosas, os prados avelludados e verdejantes, as arvores de amavel sombra? De que me servem os doces bafejos das virações do mar, os afagos da luz suavissima da lua e das estrellas? De que me serve tanta gente, tanta mocidade, tanta belleza, os esplendores do mundo? De nada. Pois eu amava tudo isto. As vozes da natureza são mudas para mim agora. Extinguiu-se a luz, apagou-se o sol. Apenas soffro mais agradavelmente (porque a consolação é um prazer na dor) quando ouço, nos dias em que sopra com furia o vento, os rolamentos longinquos do mar. Parece-me que aquelle immenso reboar que nada applaca, aquella indomita força que nada vence, me ensina a ser forte contra esse mal cruelissimo que nos inflige o ente adorado que está ausente: a saudade!

\*  
\* \*

Meu Deus! Que de sacrificios sobre a terra! Custam todos muito; mas os sacrificios de amor são cruelissimos. Para que tantas lagrimas a alagarem o mundo? Para que tantos suspiros a voarem com o vento? Eu era criança e tinha na alma a alegria dos anjos; sou homem e sinto a despedaçarem-na as furias do inferno. Que progresso! Ser criança é estar no céu. O homem vive quasi sempre num abysmo. Para conhecer as venturas celestes é mister o amor; mas é horrivel que o amor seja tambem não raro o caminho da perdição. Ainda assim, que se tira dos labores da vida, da sciencia, das honras, da riqueza? Isto tudo sem amor é zero. O amor é o prenuccio actual das felicidades eternas; é a força inicial de todos os progressos. Buscando-se a origem de toda a acção, encontra-se nesse anjo ou demonio que se chama mulher!

\*  
\*\*

«Sinto approximar-se de mim a morte. Sinto o frio da desesperança no coração. Morrer de amor sem exhalar o ultimo suspiro na alma da mulher adorada é morrer asphixiado! Perde-me ella, só ella me pode salvar.....»

Era reunião nocturna de rapazes amigos. Corria a conversação tão alegre e rapida como rápidos e alegres palpitavam os jovens corações dos convivas. O dicto incisivo e espirituoso, a phrase estapafurdia, o disparate intempesitivo, o epigramma chistoso, a anecdota galhofeira reinavam soberana e desassombradamente no recinto folgazão.

—Vamos a *politicar!*—

Este convite feito por uma voz, que se elevou acima das outras, foi para logo esconjurado redondamente com um formidavel — fóra a politica! — disparado por todas as vozes a um tempo.

Exultei por ver escurrassado para fóra d'aquelle logar de boa camaradagem o mais vil elemento de todas as baixezas que practicam homens que se dizem civilisados.

—Aqui está com que fechar o capitulo d'esta noite, disse um dos jovens consocios, adiantando-se com ares mysteriosos e tirando do bolso um papel dobrado e, em partes, com laivos de lama. — É um achado precioso por onde podereis ver mais uma vez a que loucura pode levar um pobre diabo essa, para mim, doença de alma, a que se chama amor.

Todos se acercaram, pintada a curiosidade nos semblantes, e o orador leu o authographo, cuja copia fiel antecede esta narração.

A leitura foi por vezes cortada por crueis gargalhadas; todos apodaram desapiedadamente o auctor anonymo d'aquellas linhas. Foi victima a memoria do ente que perdera aquelle papel d'onde gottejavam lagrimas de sangue. Eu fui o unico que não insultei aquellas paginas transcriptas de um coração esmagado. Estava alli uma dôr occulta. Aquillo era uma alma cingida por uma coroa

de espinhos. Para mim aquelle escripto era o canto derradeiro do cysne que vai morrer.

Pedi o papel insultado e guardo-o com religioso respeito, como se devem respeitar sempre as lagrimas dos infelizes, pois nunca deixa de ser pura a fonte d'onde brotaram.

Julho de 1867.

D. R. ANNES BAGANHA.

---

### Saudades

Formosa lua de agosto,  
Estrella de ameno céo,  
Rosa pendida ao sol posto,  
Aurora de roseo véo.

Onde o teu brilho deixaste,  
Lua, que perdeste a côr?  
Rosa, que é da tua haste?  
Aurora, e o teu alvor?

Quem na tua orbita, estrella,  
Quem teus raios enlevou?  
Onde é que foste perdel-a,  
Tua luz onde ficou?

Que intensas, saudosas magoas  
Causam essa pallidez?  
Deixaste o brilho nas aguas  
Talvez do Tejo, talvez...

É lá que a onda na praia  
De amores fallar-nos vem;  
Que a onda de amor desmaia,  
E a lua mais brilho tem.

É lá que a rosa se inclina  
Cortejando ao longe o sol;  
É lá que brota a bonina,  
Que suspira o rouxinol.

É lá mais brilhante a aurora,  
Mais sereno á tarde o céu.  
Lá que a estrella se enamora,  
Fulgindo livre, sem véo.

Oh! que deixaste o teu brilho  
Nas aguas do Tejo, sim!  
Mas eu descubri-lhe o trilho...  
Rosa, achei o teu jardim.

Conheci o teu perfume  
Entre o d'outras rosas, flor,  
Pela raiva e o ciume  
Que tinham do teu amor.

E olha: á tarde, quando o norte  
Lhes vinha as folhas beijar,  
Maldizendo a ingrata sorte  
Iam nos ventos ao mar.

Tu tens saudades do Tejo,  
De seu fulgente areal;  
Tens amor a cada brejo,  
Em cada rosa rival.

Deixaste no Tejo a vida,  
Deixaste lá teu fulgor:  
Lá, na terra promettida,  
Na terra do teu amor!

1870.

LUIZ SARREIA.

**Tres sonhos de Heine**

Sonhei, chorando,  
sonhei que morta  
eu te encontrei ;  
lagrimas tristes  
na face tinha  
quando accordei.

Sonhei, chorando,  
que me deixavas  
foi que sonhei ;  
e longo tempo  
fiquei chorando  
quando accordei.

Sonhei, chorando,  
qu'inda era amado  
por ti... sonhei ;  
e triste o pranto,  
ai! corre sempre,  
e já accordei!

Porto.

AGOSTINHO ALBANO.

**Devaneios**

## III

Ha uma trilogia sublime, uma trindade sanctissima, que eleva sempre o coração do homem, que o arrebatava num extasi infinito, quando sôa seu maravilhoso nome.

Deos ! poesia ! amor !

Estas tres palavras grandiosas, unicas que o grande cantor do Jocelyn queria gravadas no seu tumulo, como unicas que exprimiam affectos puros e sanctos, que elle im-



mortalisou em seus sublimes cantos; encerram o sacrario da fé, da crença, do bello, do sublime e do justo!

\* \* \*

Deos! é o mysterio com toda a sua sublimidade; é a poesia da vida, o sonho doirado que nos assoma no berço, que nos acompanha na lucta; o severo guia que nos conduz na senda da moralidade, que nos desvia dos abysmos tenebrosos do vicio e da devassidão.

Deos! é o ente invisivel, attestado pela consciencia, pela razão, por tudo o que nos cêrca, e que eleva a mente do poeta e do artista.

É um ente necessario, e tão necessario que, no dizer de um homem insuspeito, Voltaire, não existindo elle, preciso fora invental-o.

\* \* \*

Poesia! talisman celeste, que engrandece o genio, e o eleva em suas azas de oiro ao céu da immortalidade. Poesia! tu que dás ao mundo um Camões, que immortalisa a patria; um Tasso, que engrandece o amor; um Pellico, que divinisa o soffrimento; um Lucano, que lamenta a liberdade perdida; um Virgilio, que eternisa os amores campestres; um Bocage, astro resplendente que allumia a terra, e que se some após, — eu te saúdo!

Tu és o ideal do bello, o *desideratum* do homem predestinado a uma missão sublime na terra, a aguia de vôo altivo, que se perde nas amplidões do espaço, e que no seu gyro incessante contempla as nullidades da terra.

Poeta! tu podes mendigar como Camões, comer o pão negro do exilio como Victor Hugo, jazer 'numa masmorra infecta como Pellico, lastimar este 'num ergastulo como Chatterton, gemeres 'numa prizão como Cervantes, podes ser levado pelos despotas da terra aos mais horrosos logares, mas a tua missão é sempre sublime e nobre, porque sois o propheta do tempo e o vidente do futuro.

A vossa voz será sempre ouvida, sempre encontrareis na terra corações que compartilhem de vossos sentimen-

tos, que vos linitivem as dores; e tempo virá em que o vosso apostolado seja ouvido em todos os cantos da terra, embora uma voz já pretendesse derribar da peanha a deosa da poezia, e dissesse que a vossa evangelisação havia tocado o seu fim.

\*  
\* \*

Amor! Oh! pomba de niveas azas, cherubim de esperanças, que da terra fazes um céu e que o pobre albergue transformas em um lugar de delicias!

Tu és a consolação do desgraçado, o lenitivo do triste; em ti está o balsamo para as chagas do coração, em ti reside a clemencia, a piedade, o bem e o bello, emfim!

.....  
.....

A. SERGIO DE CASTRO.

---

### As criancinhas

Quando vejo as criancinhas  
Sahirem do seu casal,  
Julgo ver os passarinhos  
Que, livres já de seus ninhos,  
Vêm todos chilrar no val.

São como as mimosas flores  
Ostentando-se em abril;  
São qual bando de andorinhas  
As alegres criancinhas,  
Cheias de graça infantil...

No prado correm ligeiras,  
Todas doudas de prazer,  
Persequindo a mariposa  
Que vai no calix da rosa  
Seiva, que é vida, beber.

Depois... se acaso lhes foge,  
Folgam inda de prazer...  
Esquecendo a mariposa,  
Que vai no calix da rosa  
De novo a seiva beber...

Alcantarilha, agosto de 1871.

A. E. DE MACEDO ORTIGÃO.

---

## TREVAS

a A. Bettencourt Rodrigues

(Vid. pag. 50)

Sumiu-se no horizonte  
O astro, que buscavas:  
Por sobre as ondas bravas  
Não ha reflexo mais!

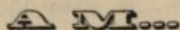
As nuvens agglomeram-se,  
Cingem-te as densas trevas...  
Debalde a vista elevas  
Aos astros desleaes.

Eu, como tu, no espaço  
Cravei o olhar, ancioso;  
E em mar tempestuoso  
Deixou-me intima luz.

Terás ainda lagrimas,  
Ó vida em plena aurora?!  
Feliz d'alguem que chora  
Nos braços d'uma cruz!

23 de agosto de 1871.

LUIZ SARREA.



E' doce ter a esmola  
 D'allivio ás nossas dôres ;  
 Eu tenho em teus amores  
 A esp'rança que consola.

Por isso quando eu vejo  
 Teu rosto crystallino,  
 E as tranças d'oiro fino  
 A ti, receiosa, eu beijo,

Não sei que intimo gozo  
 No peito se me accende ;  
 É que minh'alma ascende  
 A um céu puro e formoso.

E passo então a vida  
 Em doce devaneio ;  
 Amor celeste eu leio  
 No teu olhar, querida.

Feliz quem tem a esmola  
 D'allivio a suas dôres ;  
 Eu tenho em teus amores  
 A esp'rança que consola.

Outubro de 1871.

A. B. RODRIGUES.

## EXPEDIENTE

Rogamos a todos os srs. assignantes, em debito, o obsequio de satisfazerem o importe das suas assignaturas, para regularidade da administração do «*Peregrino*».

IMPRESA DA UNIVERSIDADE.

# O PEREGRINO

Tratado de la peregrinacion

de los santos de la tierra santa

por el doctor D. Juan de Mariana

Libro primero de la peregrinacion de los santos de la tierra santa

En Madrid en la imprenta de la casa de D. Juan de la Cuesta

En el año de 1618

En la imprenta de la casa de D. Juan de la Cuesta

En el año de 1618

En la imprenta de la casa de D. Juan de la Cuesta

En el año de 1618

### Preços da assignatura

Por anno. . . . .	1\$560	Por trimestre. . . . .	390
Por semestre. . . . .	780	Por mez. . . . .	130

Não tendo estampilha, desconta-se o respectivo importe.

Toda a correspondencia, relativa a este jornal, deve ser dirigida a José Vaz Guerreiro Judice d'Aboim — Rua do Corpo de Deus, n.º 152 — Coimbra.

